

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS-LINGÜÍSTICA ~

A NEGAÇÃO NO PORTUGUÊS

REGINA B. CAVASSIN


Dissertação para a obtenção do
Grau de Mestre em Letras (Área
de Concentração: Lingüística
Aplicada ao Português).

FLORIANÓPOLIS

1993

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de: MESTRE EM LETRAS/LINGÜÍSTICA.

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGÜÍSTICA APLICADA AO PORTUGUÊS.



Coordenador: Faruk Nome

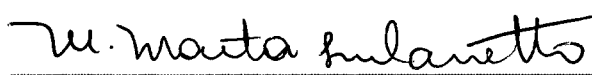


Orientador: Paulino Vandresen

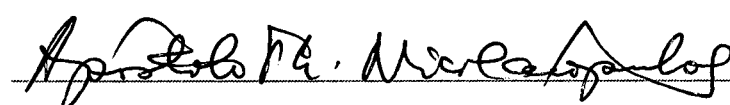
Apresentada à Banca Examinadora:



Paulino Vandresen (or.)



Maria Marta Furlanetto



Apóstolo Theodoro Nicolacópulos

Florianópolis, 28/12/93

AGRADECIMENTOS

Ao professor orientador
Doutor Paulino Vandresen
e a todos que direta ou
indiretamente tornaram
possível este trabalho.

ÍNDICE

RESUMO		
ABSTRACT		
SÍMBOLOS E ABREVIATURAS		
INTRODUÇÃO	p. 01	
CAPÍTULO 1		
A NEGAÇÃO SOB O ASPECTO MORFOLÓGICO-LEXICAL		
1.1. NEGAÇÃO POR DERIVAÇÃO PREFIXAL	p. 06	
1.1.1.OS PREFIXOS NEGATIVOS.....	p. 08	
CAPÍTULO 2		
A NEGAÇÃO SOB O ASPECTO SINTÁTICO		p. 23
2.1. PROVAS DE NEGAÇÃO NA SENTENÇA	p. 24	
2.2. OPERADORES NEGATIVOS NA SENTENÇA	p. 26	
2.2.1. PRONOMES INDEFINIDOS NEGATIVOS	p. 30	
2.3. A DUPLA NEGAÇÃO	p. 37	
2.4. A NEGAÇÃO EM SENTANÇAS COMPLEXAS	p. 40	
CAPÍTULO 3		
A NEGAÇÃO SOB O ASPECTO SEMÂNTICO-PRAGMÁTICO		
3.1. O CONHECIMENTO DE MUNDO	p. 45	
3.2. O VALOR SIGNIFICATIVO DA NEGAÇÃO	p. 49	
3.3. NEGAÇÃO E COMPROMETIMENTO	p. 51	
3.4. A NEGAÇÃO COMO RECURSO POLIFÔNICO	p. 56	
CONCLUSÃO	p. 82	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		

RESUMO

A negação tem sido tratada de maneira generalizada. Está diluída em alguns tópicos da gramática (prefixos negativos, advérbio de negação) e esparsa em diversos livros. O objetivo deste trabalho é descrever sincronicamente o fenômeno da negação na língua portuguesa enfocando os aspectos: morfológico-lexical, sintático e semântico-pragmático. Para tanto, o trabalho foi dividido em três capítulos, procurando explicar o fato lingüístico sem defender um modelo teórico.

O primeiro capítulo - aspecto morfológico-lexical - descreve a formação de itens lexicais negativos pelos processos de derivação e composição; trata também dos antônimos.

O segundo capítulo é dedicado ao aspecto sintático. Para descrever as posições que o operador negativo pode ocupar na sentença, referindo-se a um termo ou a uma proposição inteira, aplicou-se o Teste de Negação de Sentenças com base no modelo de Klima.

O último capítulo descreve a negação sob o aspecto semântico-pragmático. Verificando os contextos onde ocorre a negação de constituinte e de sentença e aplicando o conceito de polifonia proposto por Ducrot, procurou-se focar a riqueza da língua, suas inúmeras opções de expressão, principalmente aquelas direcionadas à persuasão.

ABSTRACT

Negation has been treated in a superficial way. It is attenuated in some topics of grammar (negative prefixes, negation of adverbs) and is spread in several books. The objective of this dissertation is to describe synchronically the phenomenon of negation in the Portuguese language focusing on the morphological/lexical, the syntactic, and the semantic/pragmatic aspects. Thus, this dissertation has been divided into three chapters, trying to explain the linguistic fact without defending a theoretical model.

The first chapter - morphological/lexical aspect - describes the formation of negative lexical items by processes of derivation and composition; it also deals with antonyms.

The second chapter is dedicated to the syntactic aspect. To describe the position that the negative operator can occupy in the sentence, referring to a term or an entire proposition. The Sentence Negation Test, based on Klima's model, has been applied to describe the position that the negative operator can occupy in the sentence, referring to a term or an entire proposition.

The last chapter describes negation under a semantic/pragmatic aspect. In order to verify the contexts where sentence and constituent negation occur, and in order to apply the concept of polyphony proposed by Ducrot, it was tried to focus on the richness of the language, its several options of expression, and mainly the ones addressed to persuasion.

SIMBOLOGIA

——>	reescritura
=	sinônimo de
+	adição
====>	transformação
[]	associação
{ }	permutabilidade
*	agramaticalidade

ABREVIATURAS

Aurélio	- Novo Dicionário da Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira
Neg	- morfema ou operador negativo
T. Neg	- transformação negativa
N	- nome
Pro	- pronome
V	- verbo
FN	- frase nominal
Aux	- auxiliar
Indef	- pronome indefinido (ou quantitativo)

INTRODUÇÃO

Há várias maneiras de dizer a "mesma coisa". Por necessidade, nos expressamos com mais palavras através de frases ou sentenças. Por economia, às vezes, nos expressamos com uma só palavra.

Com habilidade pode-se negar um favor e evitar ofensas sem que aparentemente seja empregado um termo reconhecidamente negativo.

Dependerá da sutileza de cada um, a escolha e ordenação das palavras que melhor expressem a sua negativa. Isto nada mais é que um princípio básico da comunicação: para cada solicitação deverá haver sempre uma reação positiva ou negativa. Será positiva quando o pedido é atendido e negativa quando houver a recusa.

A língua possui inúmeras regras e infinitas possibilidades de uso, por isso há várias maneiras de negar, conforme o operador negativo escolhido.

Chamamos de *operador* o elemento gramatical responsável pela significação negativa que recai sobre a palavra ou frase.

Em língua portuguesa *não* é o operador negativo por excelência. Pode ser a única palavra de uma resposta porque subentende toda a pergunta:

- *Posso ir ao cinema?*

- *Não (pode ir ao cinema).*

Apesar da excelência do *não*, em português há outros operadores negativos que podem atuar em diferentes níveis.

A nível lexical os prefixos negativos são os responsáveis pela mudança no significado:

Contente - *descontente*
Feliz - *infeliz*

Portanto, uma mudança morfológica pelo acréscimo dos prefixos negativos *des-* / *in-* pode tornar negativo o significado da palavra.

A nível sintático o principal operador é *não* que antecede o verbo, exceto quando o pronome clítico se interpõe:

Eu não conheço Nova York.

Eu não a conheço.

Nas sentenças há ainda outros operadores:

- Pronomes indefinidos: *ninguém, nenhum.*

Ninguém fez a lição.

Livro nenhum apresenta esse assunto.

- Adverbiais de negação: certos advérbios e expressões adverbiais com sentido negativo: *nunca, jamais.*

Nunca sabe a resposta.

Jamais fez a lição.

A nível semântico, principalmente sob os olhos da análise do discurso e da pragmática, é preciso desvendar o significado de uma sentença. Às vezes ela é aparentemente afirmativa mas tem um significado mais amplo de sentido negativo. A análise do discurso e a pragmática requerem o conhecimento da língua em todos os níveis.

Resta ainda, analisar a negação sob o aspecto da prosódia, pois a entonação define o carácter afirmativo ou negativo:

- *Claro que vai!* Pode significar que a pessoa realmente vai ou que não vai de jeito nenhum. Ou, como observa Mateus (p.111), dependendo do escopo temos significações diferentes:

Eles não foram à praia - se o sujeito *eles* é o escopo (tem entonação mais acentuada) significa que "não foram eles, mas outros que foram à praia".

Eles não foram à praia - o escopo recai sobre *à praia* e a frase toda passa a significar que "foram a outro lugar qualquer, exceto à praia".

A entonação e o escopo são fundamentais na linguagem oral. A escrita precisa apelar para outros recursos que permitam a mesma interpretação.

Por motivos didáticos, dividimos o estudo dos operadores negativos em três capítulos:

1º Capítulo: Aspecto Lexical

2º Capítulo: Aspecto Sintático

3º Capítulo: Aspecto Semântico-Pragmático

Partimos do estudo da palavra para o estudo da frase e do contexto. Os exemplos foram retirados principalmente de jornais como a

Gazeta do Povo (Curitiba) e a Folha de São Paulo, entre abril de 92 e junho de 93.

Os capítulos procuram focar os aspectos separadamente, contudo a língua é um todo e não pode ser recortada em conteúdos estanques. Há uma relação de interdependência entre a morfologia, sintaxe e semântica o que justifica uma abordagem interseccionada.

Sob o aspecto lexical, é questionável a formação de algumas palavras não dicionarizadas. Procuramos apresentar somente aquelas que nos parecessem bem formadas, i. é., que apesar de novas, seguissem o padrão de formação de outras palavras já dicionarizadas.

1 - N E G A Ç Ã O

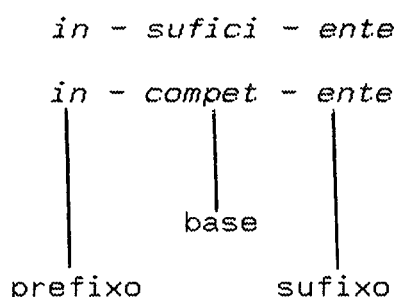
ASPECTO LEXICAL

1.1 NEGAÇÃO POR DERIVAÇÃO

1.1.1 OS PREFIXOS NEGATIVOS

1.1. NEGAÇÃO POR DERIVAÇÃO

Os processos de derivação nos permitem criar novas palavras por meio da comutação. Intuitivamente pode-se perceber que muitas palavras têm semelhança na sua forma. Por exemplo: *insuficiente* e *incompetente*. As duas palavras começam com *in-* e terminam com *-ente*, sendo assim temos:



A base é a parte invariável da palavra a qual se pode acrescentar os prefixos ou sufixos.

O prefixo antepõe-se à base mas não é obrigatório. Podemos retirar *in-*; teremos: *suficiente* e *competente*.

O sufixo é o elemento que vem posposto à base. Mudando o sufixo pode-se mudar a classe gramatical da palavra:

aparelhado - adjetivo
aparelhar - verbo

Tomemos então, como base a palavra *sabão*. Permutando prefixos e sufixos formaremos várias palavras chamadas de derivadas: *ensaboar - ensaboado - ensaboamento*. Repare-se, nestes exemplos, que há necessidade do acréscimo simultâneo do prefixo e do sufixo à base.

Há três tipos de derivação:

Prefixação = Prefixo + base

Sufixação = Base + sufixo

Parassintetismo = Prefixo + base + sufixo

A derivação é um processo de permuta de prefixos e sufixos que permite formar um número irrestrito de palavras com economia e eficiência.

Quando uma palavra possui dois afixos pode tornar-se complicado compreender a ordem de formação da palavra:

desabituação - sufixação seguida de prefixação (des + habituado)

despudorado - parassintetismo (des + pudor + ado)

Basílio (p.71-89) analisa as formações parassintéticas também pelo aspecto semântico. Para ela, o procedimento tradicional para o estudo dessas formações é insuficiente porque trata da possibilidade ou não de formação parassintética a partir de uma base, sem considerar o significado final da palavra resultante. Exemplifica com a palavra *desdentado* que significa "sem dentes". Morfologicamente existe em português *desdentar* e *dentado* além de *dente*. Mas, semanticamente é questionável essa interpretação porque *dentado* não se refere a humanos.

Tecnicamente a troca de prefixos e sufixos permite a formação de um número ilimitado de palavras derivadas. Esse processo de permuta admite inúmeras possibilidades, contudo não se sai por aí ouvindo e inventando novas palavras todos os dias. As palavras existem na medida das necessidades de comunicação.

Já há mais de cem mil palavras dicionarizadas. Umhas têm pouco uso e outras são empregadas a todo instante. Como a língua faz parte da cultura e da tradição, para efeito da comunicação diária basta um repertório mínimo comum a determinada comunidade.

Além do repertório de palavras, o falante conhece intuitivamente as regras de formação de palavras (morfologia), de colocação das palavras na frase (sintaxe), e de significação das palavras (semântica/ pragmática). Tem inconscientemente tudo o que precisa para expressar-se.

1.1. Os Prefixos Negativos

Nossas gramáticas não têm posicionamento unânime em relação à significação dos prefixos.

O prefixo latino *des-* pode significar: negação, ação contrária, separação, privação: *descontente, desrespeito, desaparelhamento, desintegração, desemprego.*

É interessante observar como diferentes autores referem-se a este prefixo. Segundo Rocha Lima (Gramática Normativa da Língua Portuguesa, p. 176):

... "*des-* (separação, privação, ação contrária, negação): *desfazer, desfolhar, desleal, desmascarar, desonesto, desumano, desprotegido, destravar*".

À página 180, acrescenta que *des-* pode ter o mesmo valor semântico do prefixo latino *in-* e dos prefixos gregos *a-*, *an-*.

Para Celso Cunha (Gramática do Português Contemporâneo, p. 37) os prefixos "se antepõem modificando **de modo preciso**" o radical (o negrito é nosso). Segundo esse autor (p. 62) *des-* significa separação, ação contrária: *desviar*, *desfazer*.

Como podemos ver, há uma pequena divergência: se o prefixo modifica o radical de modo preciso, ele mesmo tem precisão semântica, i.é, tem um significado exato.

Para Maria Helena Mira Mateus (Gramática da Língua Portuguesa, p.113) também o prefixo *anti-* tem valor negativo. Nos dá como exemplos *antídoto* e *anti-aéreo*.

Consultando o Aurélio encontramos:

a- prefixo grego que significa "privação". Ex.: *acéfalo*, *amoral*. Tem como equivalentes *an-* (usado antes de vogal) como em *anestesia*, *analgia*, e *as-* (acomodação da escrita para manter o fonema /s/) em palavras como *assepsia* e *assexual*.

anti- prefixo grego; significa "ação contrária, oposição, contrariedade, contra": *antiácido*, *anti-democrático*.

des- evolução do prefixo latino *ex-* : separação, transformação, intensidade, ação contrária, negação, privação. Exemplos: *despedaçar*, *desfazer*, *desleixar*, *desumano*.

di- prefixo de origem latina que por motivos de acomodação da escrita tem como equivalentes *dir-* e *dis-*. Pode significar: separação, movimento para diversos lados, negação. Exemplos: *difícil*, *dirimir*, *dissidente*.

in- prefixo latino que significa negação, privação: *incompetência*. Para acomodar-se à escrita tem os seguintes equivalentes: *im-*, *i-* e *ir-*. Exemplos: *impalpável*, *ilegal* e *irredutível*.

A significação de negação aparece explícita em todos esses prefixos exceto em *anti-*. Contudo, a idéia de contrariedade e oposição dão a perspectiva de negação a esse prefixo.

Para este estudo consideraremos apenas os prefixos negativos *in-* e *des-* por serem altamente produtivos em língua portuguesa. Estes prefixos são facilmente reconhecidos pelos falantes; mantiveram sua identidade semântica através dos tempos e permanecem em voga. Apesar de inúmeras dessas palavras estarem dicionarizadas são constantes criações como: *desproblematizar*, *infacilidades*.

O prefixo negativo *in-* destaca-se por sua alta produtividade. Tem como equivalentes *im-*, *i-* e *ir-*. Por acomodação da ortografia temos *impuro* e *imberbe* pois antes de *p* e *b* é obrigatória a troca de *n* por *m*. Em *ilegal*, *imoral*, *inato* a mudança do prefixo se explica pela assimilação do *n* de *in-* pelas consoantes *l*, *m* e *n* que o sucedem. Já em *irreal* ocorreu uma assimilação seguida da necessidade de acréscimo do *r* para obedecer às normas da escrita.

O emprego de *in-* é consagrado pelo uso e se verifica nos derivados de três classes gramaticais: substantivos, adjetivos e verbos.

Listamos palavras prefixadas com *in-*, marcamos em itálico a forma encontrada nos dados e tentamos completar o quadro de derivação:

SUBSTANTIVOS	ADJETIVOS	VERBOS
irregularidade	<i>irregular</i>	*irregularizar
incurabilidade	<i>incurável</i>	*incurar
impunidade	<i>impune</i>	*impunir
inequívoco	inequívocado	*inequivocar
inatacabilidade	inatacável	*inatacar
impossibilidade	impossível	impossibilitar
inadmissibilidade	<i>inadmissível</i>	*inadmitir
<i>insuficiência</i>	insuficiente	*insuficiar
<i>incompetência</i>	incompetente	*incompetir
incontestabilidade	<i>incontestável</i>	*incontestar
indispensabilidade	<i>indispensável</i>	*indispensar
infelicidade	<i>infeliz</i>	infelicitar
<i>inconstitucionalidade</i>	inconstitucional	*inconstitucionalizar
ineficiência	<i>ineficiente</i>	*ineficiar
imoralidade	<i>imoral</i>	*imoralizar
inexpressividade	<i>inexpressivo</i>	*inexpressar
inadimplência	<i>inadimplente</i>	inadimplir
invalidade	<i>inválido</i>	invalidar
inatividade	<i>inativo</i>	inativar
<i>impermeabilidade</i>	impermeável	impermear/ impermeabilizar
inviabilidade	<i>inviável</i>	inviabilizar
inimputabilidade	<i>inimputável</i>	*inimputar

Verifica-se que a alta incidência no uso deste prefixo se dá preferencialmente com adjetivos. De acordo com Celso Cunha, o adjetivo é a espécie de palavra que serve para caracterizar uma qualidade

ou defeito, um modo de ser, uma aparência ou um estado:

qualidade : homem *competente*

defeito : menino *feio*

modo de ser : pessoa *simples*

aparência : árvore *alta*

estado : tecido *permeável*

Se o adjetivo é gramaticalmente reconhecido por caracterizar o substantivo, nada mais simples e eficiente do que antepor o prefixo *in-* quando se quer acrescentar a idéia de negação:

competente - *incompetente*

permeável - *impermeável*

Contudo, há restrições para o uso de *in-* que bloqueiam a formação de novos adjetivos como: **infeio*, **insimples* ou **inalta*. A formação de uma nova palavra pode ser impedida por outra palavra já existente no vocabulário. Assim **insimples* obedece perfeitamente às regras de formação de palavras, e portanto, seria possível a sua derivação por prefixação. **insimples* seria admissível, se já não existisse a palavra *complicado*: embora haja condições de lexicalidade não há aceitabilidade.

... " Um dos fatores que afetam a produtividade das regras de formação de palavras é a própria lista de entradas lexicais já existentes. "
(Basílio, 1980, p.15).

É o que acontece com os pares antônimos como *grande/pequeno*, *gordo/magro*, *claro/escuro* onde não é aceita a prefixação - **ingrande*, **ingordo*, **inclaro* - porque outra palavra já consagrada ocupa o seu lugar: *pequeno*, *magro*, *escuro*.

Verificando os dados (p.11) pode-se perceber que inúmeros ad-

jetivos terminam em -ável.

-ável e ível são sufixos altamente produtivos, especialmente com adjetivos derivados de verbos e antecidos de *-in*: *inconsolável*, *inconfundível*, *inadmissível*, *incontestável*.

Sandmann (p.95) verificou que em língua portuguesa esses adjetivos são muito mais freqüentes quando prefixados.

Certos adjetivos, quando acrescidos de *in-* têm conotação pejorativa pois a cultura influencia a adoção de certos valores. Assim, o prefixo *in-* além do seu valor negativo para expressar a "falta de eficiência, de moral e de competência" é usado com valor depreciativo em: *ineficiente*, *imoral*, *incompetente*. Graças à sua carga semântica, *in-* parece ser próprio para caracterizar negativamente, ou seja, "desqualificar" algo de que se fala:

Aquele homem é incompetente.

Isto é inadmissível.

Contudo, a prefixação negativa também serve para valorizar algo. Nos exemplos, os adjetivos prefixados com *in-* referem-se a um carro que apresenta características consideradas boas ou necessárias:

O carro tem a quinta porta imperceptível.

O seu estilo é inconfundível.

In- também é encontrado em substantivos abstratos: *impossibilidade*, *impaciência*, *infelicidade*, *ineficiência*... Porém, os substantivos prefixados com *in-* ocorrem em escala muito menor que os adjetivos. Recorrendo à Gramática do Português Contemporâneo de Celso Cunha verificamos:

" Formam substantivos de adjetivos: Os substantivos derivados, geralmente nomes abstratos, indicam qualidade, propriedade, estado ou modo de ser".

Assim, a partir de uma base adjetiva acrescida de um sufixo nominal obtém-se um substantivo:

ADJETIVO		SUBSTANTIVO
digno	-	dignidade
grato	-	gratidão
altivo	-	altivez
amargo	-	amargor
alegre	-	alegria
tolo	-	tolice
alto	-	altitude/altura
doce	-	doçura

Observe-se que desses substantivos derivados apenas dois admitem uma negação com *in-*: *indignidade* e *ingratidão*. Os outros recorrem aos pares antônimos para a oposição: *alegria/tristeza*, *sabedoria/tolice*, *doçura/amargor*. No corpus analisado a ocorrência de *in-* com substantivos verificou-se apenas com os sufixos *-idade*, *-ância*, *-ência*. De acordo com as gramáticas tradicionais *-ância* e *-ência* são semi-eruditos, pois aparecem em palavras de criação recente e modeladas sobre o latim clássico: *-ança*, *-ância*, *-ença*, *-ência* são tradicionalmente concebidos como formadores de substantivos a partir de verbos; esses sufixos têm o sentido de "ação" ou "o resultado dela, estado":

VERBOS		SUBSTANTIVOS
lembrar	-	lembrança
observar	-	observância
diferenciar	-	diferença
ocorrer	-	ocorrência

Se os substantivos terminados em *-ância* e *-ência* são derivados de verbos, então:

*suficiar	-	suficiência
*ineficiar	-	ineficiência
*anuar	-	anuência

Como explicar estas derivações?

Gladstone Chaves de Melo (Gramática Fundamental da Língua Portuguesa, p. 60) informa que esses sufixos são formadores de substantivos significando:

ação	-	matança
resultado	-	parencença, diferença
qualidade ou estado	-	temperança, semelhança

Observando os dados constatamos que o maior número de substantivos prefixados com *in-* ocorrem em bases sufixadas com *-idade*. Em menor escala, mas também freqüentes, ocorrem os substantivos terminados em *ância* e *-ência*.

As restrições que bloqueiam o uso de *in-* com os adjetivos também ocorre com os pares antônimos de substantivos. Já há palavras consagradas no léxico que impedem formações gramaticalmente perfeitas

do tipo: **inamargor*, **indoçura*, **inaltitude*, **incalvície*. São raros os verbos que admitem *in-*. Isso se comprova no corpus onde não ocorreu nenhum verbo desse tipo. *In-* não se une a bases verbais com o sentido ativo. Por isso: **inatacar*, **impunir*, **inadmitir*.

Relacionamos abaixo os verbos que admitem a prefixação com *in-* e que estão dicionarizados:

ilegalizar	impropriar	inexistir
imobilizar	improvar	infecundar
imortalizar	impugnar	infelicitar
impacientar	impurificar	infertilizar
imparcializar	inabitar	infirmar
impassibilizar	inadestrar	infortunar
imperfeiçoar	inadimplir	inimizar
impermeabilizar	incapacitar	insossar
impermeiar	incompatibilizar	insubordinar
impersonalizar	inconfortar	intranqüilizar
impessoalizar	indeferir	inutilizar
impopularizar	independentizar	invalidar
impossibilitar	indeterminar	inviabilizar
imprestabilizar	indignar	irracionalizar
improvar	indisciplinar	irresponsabilizar
impronunciar	indispor	

Já vimos que é grande a ocorrência de *in-* com os adjetivos: *irregular*, *incurável*, *impune*. Facilmente poderíamos modificar esses adjetivos acrescentando o sufixo *-mente* para indicar circunstâncias, especialmente as de modo. *-mente* origina-se do substantivo feminino latino *mens*, *mentis*; por esta razão esse sufixo junta-se à forma femi-

nina do adjetivo (ablativo absoluto no latim):

inexpressiva	-	inexpressivamente
indevida	-	indevidamente

Para os adjetivos uniformes (de dois gêneros) basta acrescentar o sufixo:

imoral	-	imoralmente
insuficiente	-	insuficientemente
irregular	-	irregularmente

Nos dados observados, todos os adjetivos (*in* + adjetivos) admitem o sufixo adverbial *-mente*. Mas apesar dessa regra fácil e produtiva é baixa a incidência desses vocábulos. Foram encontrados com mais freqüência em respostas ou comentários em que o falante se expressa com poucas palavras (geralmente uma), possivelmente devido à própria extensão desses advérbios e devido à sua significação precisa e arrebatadora:

- *Infelizmente! ...*

O processo de negação com a prefixação de *in-* é bastante produtivo com os adjetivos principalmente os terminados em *-ável*, *-ível*. Isso compensa um pouco as restrições impostas aos verbos prefixados com *in-*:

*imprever	-	imprevisível
*inconsolar	-	inconsolável
*irrecuperar	-	irrecuperável
*inevitar	-	inevitável

Segundo Sandmann (p.65), o prefixo *in-* não se une a bases de sentido negativo (**inviolento, *indoente, *inviciado*) nem a bases de natureza dinâmica (**incontração, *impagamento, *inapertar*). Havendo a necessidade de negar essas bases, recorre-se a outros meios:

a) uso de outro prefixo de sentido negativo como *des-*: *desapertar, descontração*.

b) anteposição de *não* à base: *não-violento*
não-pagamento
não-viciado

Além de *in-* o prefixo *des-* também tem valor negativo; ambos têm funções diferentes e não podem ser usados aleatoriamente. Expressam negação, porém não são comutáveis entre si:

desleal - **inleal*
infeliz - **desfeliz*

Algumas bases admitem essa possibilidade e são encontradas no Aurélio como sinônimas: *impopularizar/despopularizar, inconfortar/desconfortar*. Há outras que exigem contextos diferentes:

inativar - tornar inativo (refere-se a funcionários ou empregados)

desativar - tirar da atividade; tornar algo inativo (usado em relação a usinas, portos, bombas. Pode-se dizer que tem caráter menos animado).

Às vezes *in-* e *des-* podem vir um à frente do outro como em *desinquietante* e *desinfelicidade*, assumindo caráter reforçativo ou anulando-se como em *indesculpável*.

Observe-se os dados da página a seguir:

SUBSTANTIVO	ADJETIVO	VERBO
desvinculação	desvinculado	desvincular
desuso	desusado	desusar
desembaraço	desembaraçado	desembaraçar
desaparelhamento	desaparelhado	desaparelhar
desintegração	desintegrado	desintegrar
desburocratização	desburocratizado	desburocratizar
descontentamento	descontente	descontentar
desemprego	desempregado	desempregar
desaparecimento	desaparecido	desaparecer
desrespeito	desrespeitado	desrespeitar
desvirtuamento	desvirtuado	desvirtuar
desapontamento	desapontado	desapontar
desativação	desativado	desativar

O prefixo *des-* é muito produtivo em língua portuguesa para a formação de substantivos, adjetivos e verbos. As restrições ao uso desse prefixo se assemelham muito às do prefixo *in-*: **desestável* e **despotente*, por exemplo, inexistem em língua portuguesa porque as palavras *instável* e *impotente* já estão consagradas pelo uso. Esse tipo de restrição de entradas lexicais também é comum com os pares antônimos:

ligar	-	desligar			
leal	-	desleal		tirar	- pôr (*destirar)
				<i>MAS:</i>	
fazer	-	desfazer		bonito	- feio (*desbonito)
cansar	-	descansar		claro	- escuro (*desclaro)

O contrário de *ligar* é *desligar*. Os contrários *tirar* e *pôr* são consagrados pelo uso e por isso inexistem as formas contrárias prefixadas **destirar* e **despor*.

des- une-se facilmente a bases nominais e verbais desde que não haja outra palavra ou prefixo ocupando o lugar da negação. Assim, **descomprido* não tem uso porque *curto* existe em seu lugar. O inverso também é verdadeiro: não existe **descurto* porque *comprido* já existe. **desperfeito* é agramatical pois já existe *imperfeito*.

Às vezes encontramos palavras que fogem a esta regra como *desigual* usado em vez de *diferente*. Esta "nova" entrada lexical se explica porque há diferença semântica entre os dois termos. O mesmo acontece com *desamor* (*amor/ódio*) e *descomplicado* (*complicado/simples*). Como já vimos, a maioria dos adjetivos prefixados com *in-* são sufixados com *-ável/ível*. Os adjetivos prefixados com *des-* correspondem às formas verbais do particípio passado, i.é, sufixados com *-ado*: *desvinculado*, *desaparelhado*, *desfolhado*, *despreparado*.

Em *desligado* *des-* não é apenas um marcador negativo. Carrega mais um conteúdo significativo pois, *desligar* não é sinônimo de *não-ligar*. Para *desligar* é preciso que algo tenha sido ligado antes. Aqui *des-* expressa "ação inversa, em sentido oposto".

Para *descolar* é preciso que algo tenha sido *colado* antes. O mesmo se dá com inúmeros verbos (*desvestir*, *desfazer*, *despentear*), com inúmeros adjetivos (*desaparecido*, *desativado*, *desvinculado*) e também com alguns substantivos (*desburocratização*, *desaparelhamento*).

Isto ocorre com palavras que exprimem em seu conteúdo um estado anterior: *destelhada* significa "sem telhas", mas supõe-se que havia telhas antes. O mesmo não ocorre com *desabitada*. Não há a supo-

sição de um estado anterior contrário: *A lua é, e sempre foi, desabitada*. Neste caso o prefixo significa apenas "negação".

Encontramos dicionarizadas: *desassunto*, (*falta de assunto*), *desbrio* (*falta de brio*) e os verbos *desasnar* (*tirar da ignorância*) e *desaplaudir* (*não aplaudir*). Essas palavras nos parecem estranhas, provavelmente pelo pouco uso. Suas formas nominais não possuem as formas verbais correspondentes e vice-versa. Como o prefixo *des-* tem mais de um significado, às vezes ocorrem alguns problemas de ordem semântica: *desaplaudir* significa "não aplaudir" e não "vaia" como se poderia supor; *descor* significa "falta de cor" mas não "ausência (total) de cor"; *desigualar* significa "fazer desigual" ou seja "diferenciar".

Também não se pode confundir o *in-* negativo com o prefixo homônimo equivalente a *em-* que significa "movimento para dentro" como em: *ingerir*, *implicar* e *imigrar*. É preciso frisar que as regras de formação de palavras por prefixação são altamente produtivas permitindo criações inesperadas e interessantes. As derivações com *des-* são comuns na linguagem popular e na fala *des-* corresponde a /dis/: "ele disse e desdisse", "não faço nem desfaço". Ao perguntarem a um suplente de deputado se estava torcendo pela cassação de um parlamentar respondeu: " não torço nem destorço".

Segundo o prof. Vital Poffo ("Errando Discitur" A Notícia, p.2, 09/07/92) *destorcer* e *distorcer* são verbos com significações diferentes e nunca poderiam ser empregados no sentido de "não torcer". O povo desconhece a evolução da língua e a fonética do português falado não corresponde à escrita. Assim, são comuns as prefixações desse tipo quando o indivíduo quer se manter imparcial: "não penso nem despenso".

In- e *des-* podem negar a palavra, mas, nem sempre a prefixação é possível. Outro recurso é a negação por composição.

Pelo processo de composição novas palavras se formam a partir da aposição de duas bases: duas palavras passam a ter um novo e único significado. É um processo de formação de palavras que utiliza estruturas sintáticas para fins lexicais. Segundo Basílio, estruturas normalmente utilizadas na formação de enunciados passam a ser utilizadas na função de denominar e/ou caracterizar seres:

papel-alumínio

água-de-cheiro

A composição surge de uma necessidade de expressão quando parece haver um vácuo lexical para denominar algo ou alguém.

Na composição pode haver a justaposição de palavras de diversas classes gramaticais. Interessa-nos, em particular, a justaposição do advérbio de negação ao adjetivo ou ao substantivo.

não-dicionarizado

não-naturalizado

não-interligado

não-violento

não-viciado

não-tratado

Formações deste tipo não são muito freqüentes mas tornam-se necessárias devido a uma espécie de vácuo no léxico: não existe uma palavra antônima que expresse o mesmo conteúdo. Também não existe a forma prefixada correspondente: **inviciado*, **desviciado*.

Consultamos o Dicionário de Sinônimos e Antônimos de Orlando Menezes de Moraes e Leonam de Azevedo Pena e encontramos os seguintes pares antônimos: *viciado/puro*; *violento/calmo, dócil, manso*.

A necessidade de precisão semântica, de encontrar uma palavra com um conteúdo exato, que expresse com clareza uma significação, justifica criações não-comuns formadas pelo processo da composição. Basta comparar *puro e não-viciado* para perceber a nuance significativa que exigirá contextos diferentes para cada uma dessas duas palavras.

Em português há diversos vácuos lexicais, mas a língua fornece recursos morfológicos e sintáticos para contornar o problema. Trata-se do processo de suplementação lexical. Consiste na utilização de um recurso gramatical que permite a ocupação de um vácuo lexical. Por exemplo: falando-se a respeito de seguro de saúde levantou-se que "*outro problema é a falta de cobertura para doenças pré-existentes e crônicas*". "*Falta de cobertura*" é usado no vácuo deixado pela palavra negativa correspondente. Como sabemos, há palavras que não admitem a prefixação com *in-* e há casos em que a prefixação com *des-* também é inviável. Recorre-se então à uma forma supletiva. Para isto temos duas opções: - uso de um verbo indicando a *ausência de* (negação) seguido de uma locução adjetiva: "*falta de cobertura*";

-supleção por composição: *não-cobertura*.

Há certos verbos que apesar de não possuírem formalmente nenhum operador negativo, exprimem um conteúdo negativo. Pela terminologia de Klima, são chamados de *verbos de negação inerente*. São verbos com valor afirmativo, mas seu valor referencial contém uma negação.

O verbo de negação inerente é uma afirmação de uma negação:

não esquecer = lembrar

não ignorar = saber

não acreditar = duvidar

São verbos volitivos ou cognitivos; pares antônimos cuja sinonímia requer o operador negativo *não*. Podem ser substituídos, sem alterar significativamente o conteúdo, da seguinte maneira:

- a) Ele *duvidava* que ela acabaria a tarefa.
- b) Ele *não acreditava* que ela acabaria a tarefa.
- c) Ele acreditava que ela *não* acabaria a tarefa.
- d) Ele *desacreditava* que ela acabaria a tarefa.

Basicamente essas substituições se resumem na troca do verbo de negação inerente pelo seu antônimo antecedido de *não* ou acréscimo do prefixo negativo, no caso *des-*. As substituições b), c), d) requerem operadores formais de negação ao contrário de a) que tem o verbo de negação inerente. Vale ainda comparar b) e c) e observar a mobilidade de *não*. Sobre a mobilidade desse operador veremos mais adiante.

Os antônimos são os pares de palavras que mantêm entre a sua significação uma relação de oposição. Em língua portuguesa há antônimos para inúmeros substantivos, adjetivos e verbos:

SUBSTANTIVOS	ADJETIVOS	VERBOS
felicidade infelicidade	feliz infeliz	felicitar infelicitar
alegria tristeza	alegre triste	alegrar entristecer
amor ódio	amado odiado	amar odiar
altura baixeza	alto baixo	levantar abaixar

Por motivos culturais e/ou gramaticais nem sempre há a palavra correspondente com o mesmo radical (base) para as três classes gramaticais. Culturalmente porque as palavras só existem na medida exata da necessidade de expressão. Gramaticalmente, a palavra pode inexistir mas outra ocupará o seu lugar através de um processo de suplementação lexical.

Há antônimos que admitem a prefixação negativa e outros não. O contrário de *alegre* é *triste* (**desalegre*, **inalgre*, **destriste*, **intriste* - são formas prefixadas inexistentes). O contrário de *feliz* só se faz com o prefixo *in-* : *infeliz*.

Os verbos que mantêm uma relação de oposição (antonímia) podem ser:

- a) contrários
- b) inversos

a) VERBOS CONTRÁRIOS: são verbos que podem ser negados pela anteposição de *não* ou pela substituição de outro verbo (lexema) que exprime o contrário do primeiro.

Ele ama.		Ele não ama. (<i>não</i> = operador negativo)
		Ele odeia. (<i>odeia</i> = lexema contrário)

Os verbos contrários são lexemas que exprimem uma condição contrária de um item verbal, considerada *negativa* em relação à condição oposta.

b) VERBOS INVERSOS: são verbos que indicam a inversão de um processo através de um item lexical ou pela prefixação com *des-*:

abrir - fechar *fazer - desfazer*
subir - descer *cobrir - descobrir*

Os verbos inversos diferem dos verbos contrários porque não admitem a anteposição de *não* para a sinonímia. Compare-se:

lembrar | - é contrário de *esquecer*
 | - é sinônimo de *não esquecer*

abrir | - é inverso de *fechar*
 | - não é sinônimo de "*não fechar*"

Em especial nos interessam os verbos inversos que podem ser prefixados como: *descarregar*, *descobrir* e *destelhar* que pressupõem um estado resultante da ação indicada pelo verbo não prefixado:

- Para *descobrir* é preciso que algo tenha sido coberto.
- Para *destelhar* é preciso que algo tenha sido telhado.
- Para *descarregar* é preciso que algo tenha sido carregado antes.

Descarregar é o inverso de *carregar*. O inverso se faz com o acréscimo do prefixo *des-*. A negação se faz com a anteposição de *não*: *não carregar*.

2. N E G A Ç Ã O

A S P E C T O S I N T Á T I C O

2.1. PROVAS DE NEGAÇÃO NA SENTENÇA

2.2.1. OPERADORES NEGATIVOS NA SENTENÇA

2.2.2. PRONOMES INDEFINIDOS NEGATIVOS

2.3. DUPLA NEGAÇÃO

2.4. NEGAÇÃO EM SENTENÇAS COMPLEXAS

NEG A Ç Ã O

A S P E C T O S I N T Á T I C O

As regras gramaticais estão sempre atuando. Apesar de serem usadas inconscientemente são imprescindíveis para a comunicação.

Para falar ou escrever utilizamos um elemento mínimo de significado comunitário: a palavra. Podemos nos comunicar com uma ou mais palavras, mas precisamos obedecer a uma seqüência (sintaxe) mais ou menos rígida porque a escolha e a colocação das palavras na oração são decisivas para a significação.

Para uma sentença afirmativa tornar-se negativa basta introduzir a partícula *não* diante do verbo:

Márcia dança lambada.

Márcia não dança lambada.

É um processo praticamente simples que se aplica a todos os tipos de frases:

- declarativa: *Ele não foi à escola.*
- interrogativa: *Você não sabe o preço?*
- imperativa: *Não entre com o tênis sujo!*
- exclamativa: *O chopp não está gelado!*

Contudo, a presença de um operador negativo não implica que a sentença seja negativa. Vamos, então, analisar o teste de negação de sentenças proposto por Klima (1964).

2.1. PROVAS DE NEGAÇÃO NA SENTENÇA

Segundo Klima, há dois tipos de testes para verificar a negação da sentença:

- Testes com provas fortes.
- Testes com provas fracas.

Testes com provas fortes.

a) Acréscimo de orações iniciadas por *nem*: a sentença negativa resiste ao acréscimo de uma oração coordenada mediante *nem*. Exemplo: *Os meninos não fizeram o trabalho, e as meninas não fizeram o trabalho também.*

Com a supressão dos constituintes repetidos temos: *Os meninos não fizeram o trabalho, **nem** as meninas.*

A gramaticalidade desta sentença comprova que ela é negativa, pois a ausência do marcador *não* a tornaria agramatical: **Os meninos fizeram o trabalho, nem as meninas.*

b) Acréscimo de *nem por sombra*: esta expressão é utilizada por Leda Bisol (p.46) como prova forte de negação da sentença. Exem-

plo: *Lauro não quer a gravata, nem por sombra.*

A falta do operador negativo tornaria a sentença agramatical: **Lauro quer a gravata, nem por sombra.*

Testes com provas fracas.

São consideradas provas fracas as construções que aceitam advérbios - do tipo *raramente* - que não encerram marca fonológica da partícula negativa. Isto é, na derivação a partícula negativa é incorporada em um outro constituinte que não conserva reflexo fonológico da negação.

a) Concatenação com: *também não, tampouco.*

Eduardo $\left\{ \begin{array}{l} \textit{nunca} \\ \textit{raramente} \end{array} \right\}$ *vai ao teatro; Cristina* $\left\{ \begin{array}{l} \textit{também não} \\ \textit{tampouco} \end{array} \right\}$

Seria agramatical a falta do operador negativo bem como a sua substituição por outro elemento não negativo:

**Eduardo vai ao teatro; Cristina* $\left\{ \begin{array}{l} \textit{também não} \\ \textit{tampouco} \end{array} \right\}$

**Eduardo* $\left\{ \begin{array}{l} \textit{geralmente} \\ \textit{sempre} \end{array} \right\}$ *vai ao teatro; Cristina* $\left\{ \begin{array}{l} \textit{também não} \\ \textit{tampouco} \end{array} \right\}$

b) Acréscimo de pergunta, como reforço de negação. São negativas as orações que aceitam o acréscimo de uma pergunta sem negação

feita através de um verbo apostro à oração negativa: *Ele não dormiu, dormiu?*

c) Encadeamento com *nem mesmo* ou *nem sequer*. Os advérbios pré-verbais negativos (*não, nunca*) permitem formar sentenças negativas:

Pedro $\left\{ \begin{array}{l} \text{não} \\ \text{nunca} \end{array} \right\}$ come doces $\left\{ \begin{array}{l} \text{nem mesmo} \\ \text{nem sequer} \end{array} \right\}$ uma balinha.

A exclusão dos advérbios pré-verbais negativos ou a substituição por outros não-negativos tornaria as sentenças agramaticais no teste de encadeamento:

**Pedro come doces, nem mesmo uma balinha.*

**Pedro sempre come doces, nem sequer uma balinha.*

2.2. OPERADORES NEGATIVOS DE SENTENÇA

São palavras que introduzem uma significação negativa a toda uma sentença.

Entre os operadores negativos de sentença destaca-se *não* por excelência. Há também outros itens lexicais que podem substituí-lo: *nunca, jamais, raramente*.

Ela $\left\{ \begin{array}{l} \text{não} \\ \text{nunca} \\ \text{jamais} \\ \text{raramente} \end{array} \right\}$ sabe a lição.

Não ocupa a posição imediatamente pré-verbal a não ser que haja um pronome oblíquo na sentença: *Ele não me explicou.*

Nas locuções verbais o operador negativo *não* pode anteceder o verbo auxiliar mesmo havendo um oblíquo: *Ele não vai me explicar.*

Em língua portuguesa normalmente o *não* antecede imediatamente o verbo, mas pode anteceder palavras de outras classes gramaticais em orações encaixadas. Pode haver, então, uma negação de constituinte:

"Muitos acreditaram que se trata de obra realmente realizada por esses nomes. Não em vida, mas depois de morrer, através de médiuns..."

"O velho guerreiro, que dizia ter vindo para confundir, não para explicar, é o inspirador oculto..."

Apesar do caráter negativo desses operadores eles não são substituídos aleatoriamente. A escolha entre eles dependerá da significação exata que se quer dar ao conteúdo:

Não = negativo por excelência

Nunca, jamais = negativos temporais

Raramente, dificilmente = negativos freqüentativos

Todos esses advérbios negativos podem ocupar a posição pré-verbal como aparecer isolados em respostas:

- *Você estudou?*
- { *Não*
Nunca
Jamais
Raramente
Dificilmente } (*estudei*).

Nunca e *jamais* tanto podem iniciar a sentença como ocupar a posição pré-verbal mas com significações diferentes:

Nunca ele disse a verdade. *Ele nunca* disse a verdade.

Jamais ele disse a verdade. *Ele jamais* disse a verdade.

Raramente e *difícilmente* também podem ocupar diferentes posições mas não negam a sentença: *Raramente* ele vem aqui.

Ele vem aqui raramente.

Ele vem dificilmente aqui.

Ele dificilmente vem aqui.

Há também uma negação de constituinte quando esses advérbios são antecidos de *não*: *Não dificilmente* ele participa das reuniões.

Ele participa não raramente das reuniões.

Há sentenças em que *nunca* ou *jamais* aparecem além do marcador *não*:

Ele $\left\{ \begin{array}{l} \text{nunca} \\ \text{não} \\ \text{jamais} \end{array} \right\}$ sorri. *Ele não sorri* $\left\{ \begin{array}{l} \text{nunca} \\ \text{jamais} \end{array} \right\}$.

Há um marcador negativo pré-verbal e outro pós-verbal. É um exemplo de dupla negação. *Nunca* e *jamais* aparecem como complementos temporais negativos com o objetivo de reforço:

... "*nunca* não constitui apenas um advérbio de tempo, mas elemento negativo, pois, anteposto ao verbo, sem a presença de outra negação pré-verbal, nega a sentença."
(Brenner, p.51).

Apesar de *não* e *nunca* serem permutáveis e originarem frases sintaticamente perfeitas, a significação de *nunca* é mais ampla porque significa "não, em tempo nenhum". O mesmo pode se dizer de *jamais*.

Também o advérbio negativo *nem*, as expressões *nem mesmo* e *nem*

sequer podem ocupar a posição de *não*:

Eu $\left\{ \begin{array}{l} \textit{nem} \\ \textit{não} \\ \textit{nem mesmo} \\ \textit{nem sequer} \end{array} \right\}$ sei isto.

"Por que a previsão do orçamento *nem* foi citada pelos deputados?"

Nem pode ocupar a posição de *não* mas nunca vem isolado:

_ Você pegou a caneta?

$\left\{ \begin{array}{l} \textit{Não} \\ \textit{*Nem} \end{array} \right\}$

A resposta também seria possível com a introdução de *nem*, ficando subentendida parte da pergunta:

_(*Não* peguei) *nem* a vi.

_*Nem mesmo* vi ela. (coloquial)

Nem, *nem mesmo* e *nem sequer* têm caráter complementar. Segundo Brenner (p.54) são negativos inclusivos pois só são empregados quando há uma continuidade de idéias. Exigem que uma partícula negativa os anteceda mesmo que esteja subentendida como ocorre em respostas.

Em um artigo sobre a extinção do INAMPS (A Notícia, 21/03/93, p.7) o primeiro parágrafo inicia assim: "*Nem* o governo Sarney *nem* o governo Collor tiveram vontade política de extinguir o INAMPS."

Neste caso há uma coordenação de sentenças. A coordenação através de *nem...nem* dá a significação de exclusão. É interessante ob-

servar que o *nem*, ocupando a posição inicial da sentença, exclui o *não* em posição pré-verbal assumindo o caráter negativo. De qualquer modo, continua havendo a dependência de *nem* a uma outra partícula negativa mas não necessariamente antecedente.

Nem, nem sequer e nem mesmo são muito usados para coordenar sentenças negativas:

Elas não substituem excursões de turmas a museus.

Elas não substituem as fotos dos originais.

Essas duas orações negativas podem ser coordenadas através da conjunção aditiva negativa *nem*, eliminando-se os constituintes repetidos: "*Elas não substituem excursões de turmas a museus nem as fotos dos originais.*"

2.2.2. PRONOMES INDEFINIDOS NEGATIVOS

Nas sentenças negativas o marcador *não* antecede imediatamente o verbo. Entretanto pode deslocar-se à esquerda incorporando-se a um pronome indefinido desde que este seja pré-verbal.

São pronomes indefinidos aqueles aplicáveis à terceira pessoa gramatical quando esta tem sentido vago ou indeterminado.

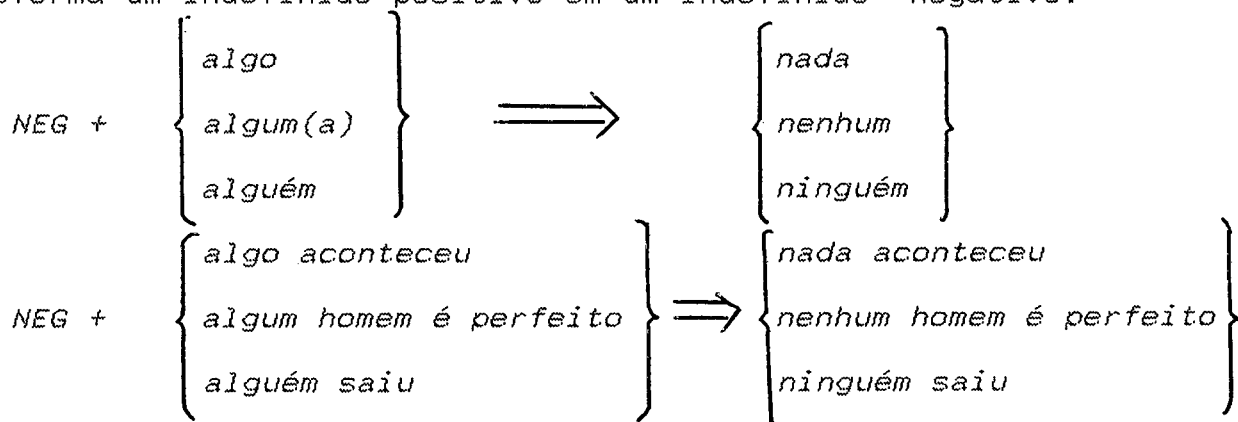
Cunha (p.249) nos apresenta um quadro dos indefinidos, mas para este trabalho nos interessam apenas aqueles que possuem seu par opositivo negativo. Os pronomes indefinidos se dividem em variáveis e invariáveis:

P r o n o m e s				I n d e f i n i d o s
Variáveis				Invariáveis
Masculino		Feminino		
Singular	Plural	Singular	Plural	
todo nenhum algum	todos nenhuns alguns	toda nenhuma alguma	todas nenhumas algumas	alguém ninguém
vário pouco muito	vários poucos muitos	vária pouca muita	várias poucas muitas	tudo nada algo

Observe-se que todos têm o seu par opositivo negativo. Há também uma intermediariedade, i.é, uma palavra com significação de um "meio termo" nem positivo, nem negativo.

Segundo alguns autores, esses pronomes são os *quantitativos* pois se referem a uma quantidade ou porção indeterminada. É o caso de todos os pronomes indefinidos do quadro, exceto *alguém* e *ninguém* que se referem diretamente à terceira pessoa do discurso e não à quantidade.

De acordo com Klima, a transformação dos indefinidos positivos em negativos opera-se da seguinte maneira: um marcador negativo transforma um indefinido positivo em um indefinido negativo:



Neg pode incorporar-se a um indefinido que antecede o verbo.

Tomemos o seguinte exemplo:

Alguém viu Mário no jardim.

T. *Neg* \implies *Alguém não viu Mário no jardim.*

\implies *Não alguém viu Mário no jardim.*

\implies *Ninguém viu Mário no jardim.*

Quando os indefinidos ocupam a posição pós-verbal a transformação em negativa pode gerar uma dupla negação:

Neg - *Mário não viu alguém no jardim.*

Dupla *Neg* - *Mário não viu ninguém no jardim.*

Na dupla negação, além do indefinido negativo há o operador negativo antecedendo o verbo. Como veremos mais adiante, a ausência do indefinido tornaria a sentença agramatical.

Neg pode incorporar-se aos quantitativos que ocupam a posição pré-verbal. Para incorporar-se *Neg* desloca-se à esquerda de modo a anteceder-lo: *Muitos não estavam contentes.* (negação verbal)

Não muitos estavam contentes. (negação do quantitativo)

Ocorre uma mudança no significado correspondendo a: *Poucos estavam contentes.*

Os quantitativos, ao contrário dos indefinidos, não acarretam a dupla negação: *Não muitos alunos não vieram.* Corresponde semanticamente a: *Poucos alunos não vieram* ou *Muitos alunos vieram.*

Quando há um quantitativo negado seguido de uma negação verbal as negativas anulam-se. Há a negação da negação que corresponde semanticamente a uma afirmação.

Tudo e nada têm outro comportamento. *Tudo* admite a negação verbal, mas ao invés de negar toda a sentença nega apenas parte dela:

Afirmativa - *Tudo vai dar certo.*

Negativa de constituinte - *Tudo não vai dar certo.*

Negativa de sentença - *Nada vai dar certo.*

Agramatical - * *Nada não vai dar certo.*

Nada vai dar certo é o oposto de *Tudo vai dar certo*. Uma é o contrário da outra: negativa X afirmativa.

Tudo não vai dar certo nega apenas a quantidade. Significa que não vai dar totalmente certo. Este é um caso de *negação de escopo* pois a negação de *tudo* fica subentendida na prosódia e a frase significa: *Nem tudo vai dar certo.*

Os invariáveis *ninguém*, *nada* são permutáveis pelo *não* e negam a sentença.

$\left. \begin{array}{l} \text{Ninguém} \\ \text{Não} \end{array} \right\}$	saiu.	$\left. \begin{array}{l} \text{Nada} \\ \text{Não} \end{array} \right\}$	mudou.
---	-------	--	--------

Nenhum também permuta-se com *não* mas exige um substantivo posposto ou subentendido pois a ele se refere:

$\left. \begin{array}{l} \text{Nenhum (menino)} \\ \text{Não} \end{array} \right\}$	saiu.
---	-------

O indefinido *algum* aparentemente afirmativo pode significar "*nenhum*" quando posposto ao nome:

Afirmação - *Alguma pessoa se feriu.*

Negação de sentença - *Pessoa alguma se feriu.*

Para confirmar basta aplicar o teste de negação da sentença:

Pessoa $\left\{ \begin{array}{l} \text{alguma} \\ \text{nenhuma} \end{array} \right\}$ se feriu, nem mesmo o motorista.

**Alguma pessoa se feriu, nem o motorista.*

**Alguma pessoa se feriu, nem mesmo o motorista.*

Portanto, o comportamento sintático do pronome é que dá o caráter negativo à oração. A sentença será negativa quando *algum* ocupar o seguinte contexto:

[N - [algum(a)] FN - V]

Pro

- 1) *Poucos alunos fizeram a lição.*
- 2) *Alguns alunos fizeram a lição.*
- 3) *Não muitos alunos fizeram a lição.*

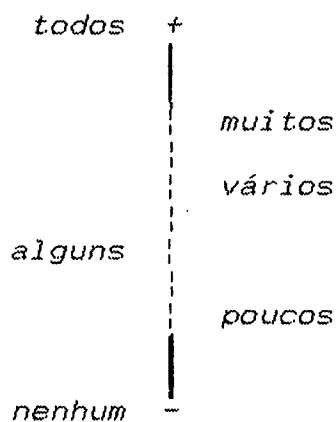
Estas sentenças poderiam ser tomadas como sinônimas, mas compare-se:

1) e 3) são conceitualmente negativas, afinal todos deveriam ter feito as lições. Gramaticalmente só há uma negação de constituinte em 3) (não muitos).

As palavras podem ter diferenças de carga semântica conforme o contexto em que estão inseridas. Num acidente de ônibus, por exemplo, *poucos passageiros saíram feridos*. O valor conceitual de *poucos* neste caso, passa a ser positivo. Gramaticalmente o pronome *poucos* não nega a sentença.

A VARIAÇÃO SEMÂNTICA DOS INDEFINIDOS

Para os indefinidos opostos *todo/nenhum*, *muito/pouco* há vocábulos de significação intermediária. *Todo* e *muito* têm significação muito mais ampla que *algum* e *vários*. Semanticamente abrangem uma quantidade maior. Podemos explicar melhor através de uma reta vertical na qual colocaremos esses indefinidos em ordem decrescente em relação à quantidade que representam:



Como se pode observar *todos* e *nenhum* ocupam os extremos positivo e negativo, respectivamente. *Muitos* e *poucos*, *alguns* e *vários* se encontram numa faixa intermediária demarcada com o pontilhado e não correspondem a nenhuma quantidade específica. Os extremos positivo e negativo abrangem a globalidade, referem-se à totalidade.

Assim, numa escala quantitativa, representada em ordem decrescente teríamos:

- 1) *Todos* os alunos participaram do debate.
- 2) *Muitos* alunos participaram do debate.
- 3) *Vários* alunos participaram do debate.
- 4) *Alguns* alunos participaram do debate.
- 5) *Poucos* alunos participaram do debate.
- 6) *Nenhum* aluno participou do debate.

1) opõe-se a 6) *Todos X Nenhum* - abrangem toda quantidade. 2), 3), 4) e 5) representam uma faixa intermediária na qual a quantidade é indefinida. 2) pode opor-se a 5) na relação entre *muitos X poucos*. Mas como entre 2) e 5) a quantidade é indefinida o valor conceitual desses pronomes pode variar de uma situação para outra ou de pessoa para pessoa. Por exemplo: *muitos* para determinada pessoa pode significar que *quase todos participaram* e para outra pode significar que *a metade participou*. Gramaticalmente, apenas 6) é negativa.

Observe os esquemas abaixo:

- A. *Tudo, todo(s)* ----- extremo positivo
- B. *Algo, alguém, alguns* ---- extremos intermediários
- C. *Nada, ninguém* ----- extremo negativo

- A. *Sempre, em todo lugar*----- positivo
- B. *Algumas vezes, em algum lugar* ----- intermediários
- C. *Nunca, em nenhum lugar* ----- negativo

Estes esquemas estão relacionados à quantidade ou freqüência. *Ninguém* é um extremo quantitativamente negativo, mas como já vimos, pode ser conceitualmente positivo: *Ninguém se feriu*.

2.3. DUPLA NEGAÇÃO

Podem ocorrer dois elementos negativos na mesma oração: um pré-verbal e outro pós-verbal.

Não disse nada.

Nunca obedece ninguém.

Ninguém viu nada.

Nenhum menino sabe nada.

Segundo Brenner (p.70), através dos pronomes indefinidos é possível a dupla negação em português, que se realiza de duas formas:

- partícula negativa pré-verbal ou o advérbio *nunca* ou *já-mais* seguido de pronome pós-verbal (*ninguém, nada, nenhum*);

- incorporação de *Neg* num pronome que antecede o verbo auxiliar, mais um pronome ou advérbio que o segue.

Compare: a) *Ninguém compareceu.*

b) *Não compareceu ninguém.*

Em a) o indefinido ocupa a posição de sujeito e não admitiria a negação verbal (**Ninguém não compareceu*) porque *Neg* está inserido no pronome sujeito.

Em b) o pronome indefinido é posposto ao verbo e necessita a negação verbal (**Compareceu ninguém*). A dupla negação se faz com a partícula negativa mais o pronome negativo como reforço da negação. Aliás, em português, a negação sobre o pronome indefinido objeto direto só se faz através da dupla negação.

Como já vimos, *nunca* e *já-mais* têm valor negativo temporal e podem substituir *não*:

$$\left. \begin{array}{l} \text{Não} \\ \text{Nunca} \\ \text{Jamais} \end{array} \right\} \text{ minto.}$$

Para a dupla negação, além da negação verbal, há outro elemento negativo de reforço:

Não compareceu ninguém.

A ausência do *não* tornaria as sentenças agramaticais:

**Compareceu ninguém.*

Vale lembrar que no nordeste brasileiro seria possível ouvir:

$$\text{Minto} \left\{ \begin{array}{l} \text{não} \\ \text{nunca} \\ \text{jamais} \end{array} \right\}$$

Porém, a ausência do *Neg* que deveria anteceder o verbo é suprida por uma entonação peculiar: *Neg* é inserido na prosódia.

Para Brenner (p.111), "*não* é a verdadeira partícula negativa em português" porque *não* pode aparecer como constituinte pós-verbal da dupla negação: **Nunca estudei não.* (Diferente de: *Nunca estudei, não.*)

Para descrever a dupla negação no português seguimos dois princípios básicos de Klima:

- na negação da sentença há apenas um elemento *Neg*;
- *Neg* atua sobre o indefinido que se acha em seu

contexto, imprimindo-lhe forma fonológica específica.

Assim, a dupla negação pode ser descrita através do seguinte exemplo: *Mauro não ouviu ninguém*. Deriva de:

Mauro - Aux - ouvir - alguém

Mauro - Neg - Aux - ouvir - alguém

Mauro - Neg - Aux - ouvir - [indef + alguém]

Pro

Mauro - Neg - Aux - ouvir - [indef Neg + alguém]

Pro

Na transformação de afirmativa em negativa basta antepor *não* ao verbo. Essa partícula se expande sobre um indefinido ocasionando a sua transformação em indefinido negativo.

Não se deve confundir a dupla negação com a negação da negação. Na dupla negação há dois elementos negativos e o segundo serve de reforço. A falta de um deles compromete a estrutura da sentença que passa a ser agramatical ou serve apenas para respostas:

*Não viu ninguém. *Viu ninguém. Não viu.*

*Ninguém disse nada. *Disse nada. Ninguém disse.*

Na negação da negação há dois elementos negativos mas o conteúdo semântico é afirmativo;

a) *Isso não é infelicidade.*

b) *Não recomendamos o não-pagamento.*

c) *A professora não quer que você não estude.*

d) *Não muitos não sabem a lição.*

Nestes exemplos há dois elementos negativos: um de constituinte e outro de sentença em a) e b); em c) há negação pré-verbal na oração

principal e na oração encaixada; em *d*) há uma incorporação de *Neg* no quantitativo seguida de uma negação verbal. São exemplos de negação da negação onde um elemento negativo anula o outro.

2.4. NEGAÇÃO EM SENTENÇAS COMPLEXAS

Neg pode se inserir num indefinido. Isto só acontece com sentenças simples, pois o elemento negativo de uma oração não pode se inserir no indefinido de uma encaixada.

Antônio não ouviu alguém chegar.

**Antônio ouviu ninguém chegar.*

Ou seja: o negativo não pode se transferir da oração principal para a encaixada porque gera uma agramaticalidade. Esta agramaticalidade não aconteceria com as gerundivas e infinitivas se houvesse a dupla negação:

Antônio não ouviu ninguém chegar.

Antônio não ouviu ninguém chegando.

A negação das encaixadas não opera sobre toda a sentença. Para comprovar, basta acrescentar o teste com *nem* envolvendo os constituintes da oração principal:

a) *Ele não pensava dizer algo importante, nem ela pensava.*

b) **Ele pensava não dizer algo comprometedor, nem ela pensava.*

a) resiste ao teste, pois *Neg* na oração principal nega a sentença toda. b) não resiste ao acréscimo porque *Neg* fica restrito à encaixada. Aplicando-se o teste de acréscimo de *nem* em b) envolvendo os seus próprios constituintes confirmamos a negação da encaixada:

Ele pensava não dizer algo comprometedor, nem algo indelicado.

Analisamos a estrutura profunda de duas sentenças complexas. A primeira corresponde a uma negativa simples e a segunda a uma dupla negação:

1- *Ele não viu alguém estudar.* Deriva de:

Ele viu alguém. Alguém estudar.



T. Neg

Ele não viu alguém. Alguém estudar.

Retira-se os constituintes repetidos e obtém-se o encaixe da infinitiva: *Ele não viu alguém estudar.*

2- *Ele não viu ninguém estudar.* Também deriva de:

Ele viu alguém. Alguém estudar.

Mas, os processos de transformação são mais complexos porque, além de negação há a incorporação de indefinido no pronome:

Ele viu alguém.



T. Neg

Ele Neg viu alguém.

Neg atua sobre o indefinido

Ele Neg viu [Indef + Neg + alguém]

Pro

Ele não viu ninguém

Alguém estudar.



T. Neg

Alguém Neg estudar.

Mobilidade de não à esquerda seguida de incorporação no pronome:

[Indef + Neg + alguém] estudar.

Pro

Ninguém estudar.

Coordenando e retirando os constituintes repetidos obtemos uma encaixada com uma dupla negativa:

Ele não viu ninguém estudar.

Brenner (p.80) propõe outra estrutura subjacente. Primeiro coordena e depois transforma:

[Paulo - Neg - VER - alguém] [alguém - REAGIR]

Deriva de:

[Paulo - Neg - VER - alguém] [REAGIR]

Paulo não viu ninguém reagindo.

A agramaticalidade de *Ele viu ninguém estudar* resulta da falta de um operador *Neg* antecedendo o verbo (como é o caso da dupla negação em orações complexas). O indefinido *ninguém* não pode ser usado como objeto sem o auxílio do operador negativo antecedendo o verbo. Também a dupla negação na infinitiva e na gerundiva é possível:

Ele viu o menino não roubando nada.

Oração principal Oração gerundiva (dupla negação)

Mas, o *Neg* da encaixada não pode passar para a principal, ou vice-versa, sem alterar o sentido: *Ele não viu o menino roubando nada.*

Sempre que *Neg* está presente na oração principal há negação de toda a sentença; se está na encaixada nega apenas esta parte da sentença.

3. N E G A Ç Ã O

ASPECTO SEMÂNTICO - PRAGMÁTICO

3.1. O CONHECIMENTO DE MUNDO

3.2. O VALOR SIGNIFICATIVO DA NEGAÇÃO

3.3. NEGAÇÃO E COMPROMETIMENTO

3.4. A NEGAÇÃO COMO RECURSO POLIFÔNICO

Este capítulo toma por base a Teoria da Enunciação proposta por Ducrot. Mas como a semântica hoje percorre caminhos desconhecidos somos obrigados a observar, analisar e tomar como aliada a intuição.

Consideramos a pragmática preponderante sobre os atos ilocutórios e, por isso, dividimos o capítulo em quatro itens para deixar claro que a sociedade e seus valores impõem normas tanto para a linguagem falada como para a escrita.

Como a sociedade e seus padrões culturais influem no modo de ler e de falar do indivíduo?

Qual a relação entre língua e sociedade?

O que tudo isso tem a ver com a negação?

3.1. O CONHECIMENTO DE MUNDO

Só se pode falar sobre o que se sabe. Sobre o que não se sabe só é possível questionar e supor. Nosso conhecimento está limitado aos nossos cinco sentidos. Através deles fazemos contato com o mundo aprendendo sobre ele. Hoje, especialmente, a televisão amplia os nossos conhecimentos permitindo ver terras e povos distantes, uma cirurgia do coração ou a terra vista do espaço. Apesar de tudo que se aprende, sempre fica a sensação de que falta muito a aprender. Em povos mais desenvolvidos onde os meios de comunicação constantemente apresentam reportagens sobre fatos do presente e do passado, o conhecimento de mundo é mais amplo, pois não fica limitado aos conhecimentos locais. Antigamente só se sabia dos vizinhos. Hoje é possível acompanhar o que se passa na rua, no bairro, cidade... no mundo. Isto não significa que o conhecimento de mundo seja igual para todas as pessoas. Ao contrário, está limitado à capacidade de assimilação e compreensão do fato, da disponibilidade para tomar conhecimento do próprio fato.

O conhecimento de mundo de um operário, por exemplo, está vinculado às peças com que trabalha, com aquilo que ouve durante o seu trabalho, com os contatos que tem durante o caminho do trabalho até em casa, das conversas com a família e ao tempo que lhe resta para assistir à TV. O conhecimento de mundo está vinculado às condições sócio-econômicas e aos esquemas de aprendizado incorporados que, por sua vez, relacionam-se a um padrão cultural. A sobrevivência impõe um esforço constante que raramente permite o questionamento. Indo e vindo

do trabalho, estando sempre preocupado ou cansado, não resta tempo para reflexões. O operário permanece no seu conhecimento de mundo. O resto do mundo? O resto é só na TV.

Conhecimento de mundo é isso: só posso falar e comparar aquilo que entendo existir. Portanto, um bom repórter político conhece as pessoas do meio, assim como o publicitário deve conhecer tudo sobre o produto e sobre os seus concorrentes se quiser ter sucesso.

Sobre o que não se sabe é possível fazer inúmeras perguntas, mas nenhum argumento ou comparação. De acordo com o seu conhecimento de mundo você terá os seus valores de verdade, isto é, aquilo que você considera certo e bom e aquilo que você considera errado ou mau. Mas, as suas considerações estão condicionadas aos esquemas aprendidos, por isso não podem ser consideradas valores pessoais.

Os valores de verdade são instáveis, podem mudar de acordo com as mudanças sociais, econômicas e culturais. Houve o tempo em que não poderia aparecer sequer a canela da donzela. Hoje, em muitos lugares, usa-se a minissaia. Os costumes mudam com o tempo. Surgem novas invenções substituindo as anteriores. Quem diria que o fogão à lenha iria desaparecer das cozinhas? Os gostos mudam conforme os avanços tecnológicos: hoje fala-se em ergonomia e as cadeiras passam a ter formas mais arredondadas. Mudou a cadeira e também o vocabulário.

A língua sofre a influência constante do falante que por sua vez é influenciado pela língua. Mudam os costumes, o vocabulário, a tradição. Tudo evolui, se altera, se ajusta. Conhecimentos se acumulam e, quanto mais sabemos sobre os fatos do passado e do presente, melhor compreendemos o que o outro tem a nos dizer.

Mas, não existe um valor absoluto. Tudo é relativo e a visão de mundo depende do modo de ser e de viver das pessoas, do tempo e do lugar em que vivem. O valor das afirmações é relativo. Já houve quem dissesse: "A Terra é o centro do sistema", "A Terra é plana". Eram afirmações nas quais a grande maioria acreditava: tinham seu valor de verdade, um valor absoluto imposto pelo consenso da época, até que se provou o contrário.

A língua sofre a influência constante do falante. O daltônico pode teimar que "A bandeira é vermelha" e todos os colegas a vêem verde. O modo de "ver" o mundo é diferente de pessoa para pessoa conforme o seu conhecimento de mundo, seus conceitos sócio-culturais e também dependendo dos seus interesses. Há valores impostos pela sociedade que não admitem certas mudanças provocadas por um único indivíduo: *_ Se todo mundo vê verde, então ele está errado falando que é vermelho.*

_ Se todo mundo "pensa" que a Terra é o centro do sistema, então Copérnico está errado teimando que é o Sol.

A tradição cultural repassa normas e conceitos tomados como corretos e verdadeiros porque são aceitos pelas maiorias.

Mas, tudo deve estar dentro de um contexto, isto é: um momento, um lugar, uma situação e as pessoas envolvidas. Por isso há um valor relativo: o que é dito hoje tem o seu valor de verdade como o que foi dito ontem teve o seu valor de verdade. Com o mundo em constantes descobertas fica difícil prever o amanhã, mas ninguém se arriscaria a dizer que "Nunca os homens habitarão Saturno".

Se os valores mudam qual é o valor significativo de uma negação?

3.2. O VALOR SIGNIFICATIVO DA NEGAÇÃO

Há várias maneiras de negar um pedido ou uma oferta.

Para os padrões culturais da classe média e alta é falta de educação ser direto e dizer "Não". É preciso agradecer ou desculpar-se, elogiar, comentar, narrar um fato semelhante... qualquer coisa exceto ser direto e dizer "Não".

_ Aceita mais um pedaço de doce?

_ Está uma delícia... mas o meu regime...

Difícilmente alguém responderia:

_ Não.

_ Não quero.

Somos ensinados, desde pequenos, a agradecer toda oferta o mais delicadamente possível. Assim, outras respostas poderiam ser:

_ Obrigado, já comi demais.

_ Mais tarde eu aceito.

_ Pena! Tenho que manter a forma.

O operador negativo até pode aparecer, mas amenizado pela entonação e palavras subseqüentes:

a) *_ Obrigado, mas não posso. Sou diabético.*

b) *_ Até queria, mas não agüento mais.*

c) *_ Não, obrigado, estou satisfeito.*

d) *_ Não, mas queria a receita.*

Nos exemplos a) e b) o marcador negativo refere-se ao sujeito da oração (eu = pessoa que fala). Em c) e d) a introdução da frase com o marcador negativo exige um atenuante que reduz o impacto da negativa

com o elogio ("estou satisfeito" e "queria a receita" - pressupõem que o doce estava gostoso).

Seriam consideradas discordiais as *negativas diretas* (negação ou negação + verbo):

_ *Não.*

_ *Não gosto.*

O marcador negativo não poderia aparecer nem sozinho, nem acompanhado apenas pelo verbo a não ser nos relacionamentos familiares. Contudo, mesmo nas relações familiares e mais íntimas, evita-se a negação direta:

_ *Filha, arrume o seu quarto.*

_ *Agora estou fazendo a lição.*

Depois que eu voltar da escola, tá bom, mãe?

Mas, eu arrumei agorinha!

Tô com dor de cabeça, mãe.

Inconscientemente, muitas vezes a negação não é explícita. A filha não disse que iria arrumar, não disse que não podia... Há várias maneiras de negar, principalmente com expressões temporais que adiam o atendimento ao pedido.

Outros operadores negativos como *nunca/jamais* muitas vezes aparecem em situações nas quais o locutor se coloca numa posição de defesa, justificativa, indignação. *Nunca* e *jamais* são negativos temporais que significam "em tempo nenhum" - o que pode limitar o seu uso:

- *Nunca fazem a lição!*

_ *Jamais faria isso!*

_ *Nunca sonhei ganhar o prêmio.*

A larga extensão temporal na significação de *nunca/jamais* tira sua credibilidade e veracidade principalmente em expressões exclamativas que enfatizam esses marcadores. É preciso cuidado no uso de *nunca* e *jamais* porque facilmente o enunciador passa por mentiroso ou no mínimo exagerado: _ *Nunca espiei pelo buraco da fechadura.*

_ *Nunca sonhei ser rico.*

Portanto, situações diferentes exigem diferentes modos de negar conforme os padrões sócio-culturais. Muitas vezes as negações não são explícitas porque, como veremos adiante, negar é comprometer-se.

3.3. NEGAÇÃO E COMPROMETIMENTO

Concordamos com Maingueneau (1989) para quem a comunicação só é possível quando os interlocutores participam dos mesmos domínios de experiência ou do mesmo conhecimento de mundo.

Todo enunciado tem um objetivo - nem sempre muito explícito. Enunciados negativos são freqüentemente usados para rejeitar ou refutar um outro enunciado. Como já afirmava Benveniste (1988, p.82):

[A negação lingüística] "*Só pode anular o que é enunciado, deve explicitar para suprimir; o julgamento de não existência tem necessariamente também o estatuto formal de um julgamento de existência. Assim, negar é, antes de tudo, admitir*".

Em outras palavras: uma negação só tem sentido em oposição a uma afirmação que faz, portanto, parte do contexto.

Apesar da necessidade de expressar-se, o enunciador evita comprometer-se. Para que o leitor possa compreendê-lo deve participar

dos mesmos domínios de experiência, ler o que está implícito para perceber onde há consenso e discordância. Ora, discordar é negar algo; é não concordar. Mas, essa discordância, raras vezes, é explícita e pessoal. Essa impessoalidade se revela no estilo de cada enunciador e as discordâncias são expressas de forma muito diversa, mas poucas vezes através do marcador *não*. Como discordar sem dizer *não*? Através de recursos gramaticais estrategicamente utilizados na polifonia do discurso:

"A negação de polifonia, que vem sendo elaborada por Oswald Ducrot (...) pode ser definida como a incorporação que o locutor faz ao seu discurso de asserções atribuídas a outros enunciadores ou personagens discursivos - ao(s) interlocutor(es), a terceiros ou à opinião pública em geral." (Koch, 1987, p.142)

A palavra polifonia é bastante sugestiva. De acordo com o Aurélio significa "reunião de vozes", "eco que repete o som várias vezes", "simultaneidade de vozes que se desenvolvem independentemente, mas dentro da mesma tonalidade". Em um texto podemos encontrar várias vozes, ecos. Isto é, além do locutor pode haver vários enunciadores. O locutor é aquele que se apresenta como o responsável pelo sentido dos enunciados. Não pode ser confundido com o autor: o locutor é um ser do discurso que dá forma lingüística aos acontecimentos. Para ficar clara a diferença entre locutor e autor basta lembrar do livro Memórias Póstumas de Brás Cubas: o locutor é o falecido Brás Cubas e o autor é Machado de Assis. O autor é o responsável pela obra. Ele tem suas próprias idéias e concepções mas não as expõe abertamente. O locutor pode desdobrar-se em diversos enunciadores fazendo com que outros persona-

gens digam algo no interior do seu próprio discurso.

A negação é um recurso polifônico que permite o desdobramento do enunciado:

Ele não está satisfeito.

O enunciado negativo pressupõe um enunciado afirmativo de outro enunciador (E₂) incorporado ao discurso do locutor através da polifonia.

Ducrot (1987, p.203) distingue três tipos de negação:

1) *Negação descritiva* - apresenta um estado de coisas sem opor-se a um discurso contrário.

2) *Negação polêmica* - destinada a apresentar uma opinião inversa. Segundo o autor a maioria dos enunciados negativos são deste tipo apresentando uma refutação do enunciado positivo correspondente.

3) *Negação metalingüística* - trata-se de uma negação que contradiz os próprios termos de uma fala efetiva à qual se opõe.

Para nossa surpresa, o operador *não*, apesar de sua excelência como marcador de negação, não ocorre com frequência em textos jornalísticos. Observamos que outros recursos são empregados para "contrariar, rejeitar, opor, contestar, repudiar, proibir, desmentir, recusar..."

Dizemos que há *negação indireta* nos enunciados aparentemente afirmativos mas marcados por certas palavras que sugerem uma negativa. Não possuem operadores negativos de sentença e, por isso, gramaticalmente não são considerados enunciados negativos. São negativas dissimuladas, sem operadores de sentença explícitos.

Ele permanecia intolerável.

Ele agiu anormalmente.

Teoricamente, o enunciado equivale a: *Ele não agiu normalmente*. Os prefixos negativos negam apenas o constituinte. Há ambigüidade porque o operador negativo pode referir-se tanto ao verbo como ao advérbio. O enunciado também poderia ser contestado:

Ele agiu normalmente, ele sequer fez alguma coisa.

Trata-se de uma negação metalingüística pois o enunciado nega um outro anterior.

Certas preposições e conjunções são ótimas para apresentar uma contrariedade, oposição ou mudança de direção:

Fui apresentada, mas a empresa queria um homem.

Neste exemplo há uma conclusão não necessariamente explicitada (não me empregaram), graças à conjunção adversativa *mas* que opõe dois enunciados:

1º *Eu [que sou mulher] fui apresentada.*

2º *A empresa queria um homem.*

O 2º enunciado representa a adversidade, o motivo pelo qual ela **não** foi aceita para trabalhar naquela empresa. As conjunções adversativas se prestam para apresentar contrariedades e sugerem o seguinte esquema:

...sim, mas... não...

...não, mas... sim...

Isto é, quando o primeiro enunciado é positivo, o segundo, que é introduzido por conjunção adversativa, será negativo, e vice-versa:

Tinha o sapato, mas não o número.

Não tinha sal, mas tinha muita pimenta.

A adversativa apresenta uma contrariedade (negação indireta) quando, ao invés de fazer uma oposição explícita como no esquema acima, apresenta um enunciado contrário sem um operador negativo:

Veio, mas estava com pressa.

Fez o trabalho, contudo era uma cópia do livro.

Para a *negação indireta* também as preposições e os advérbios são eficazes:

"Apesar de ter renunciado à liderança da principal facção do PLD e depois à sua carreira de deputado, Kanemaru havia sido condenado apenas a pagar uma multa inferior a US\$ 2.000." (A Notícia, 04/12/92, p.07).

Apesar de sugere uma oposição. Quando não aparece nenhum operador negativo na seqüência, ocorrerá então uma palavra culturalmente considerada negativa. A seqüência *apesar de... apenas...* sugere que Kanemaru não recebeu a pena merecida, mas isto não é dito explicitamente. *Apesar de* apresenta a oposição, o advérbio *apenas* sugere que não foi devidamente condenado. Outros exemplos:

Apesar de sorrir, sofria.

Apesar disso cumpria sua obrigação.

Quando o interlocutor quer fugir de uma responsabilidade - e pode ser apenas a responsabilidade de ter dito algo - torna-se comum o uso de certas locuções que expressam condição, dúvida ou tecem comentários:

_ Você vai?

_ É muito longe...

Amanhã, se tiver sol.

Desde que você vá junto...

Há várias respostas possíveis mas as justificativas, reticências ou o uso do subjuntivo são uma constante, talvez por necessidade social de sempre justificar um **não**.

3.4. A NEGAÇÃO COMO RECURSO POLIFÔNICO.

Para analisar a negação em textos jornalísticos selecionamos reportagens de crítica e de publicidade. Verificamos os recursos gramaticais que poderiam substituir os operadores negativos e os contextos em que o operador negativo era aceito.

Os textos e exemplos foram retirados da Folha de São Paulo - caderno dominical especializado em veículos - e da Gazeta do Povo - jornal de Curitiba.

A NEGAÇÃO EM REPORTAGENS PUBLICITÁRIAS

Textos que objetivam a publicidade não podem apresentar os defeitos do produto e sim, suas qualidades. Por isso o advérbio *não* é empregado com o máximo de cuidado, dificilmente aparecendo na descrição do produto ou na opinião de um consumidor.

As descrições limitam-se a elogiar as qualidades:

"A ergonomia do modelo é boa..., confortável...

Potência melhor nas altas rotações... engates precisos...

Estilo arrojado com a quinta porta imperceptível."

(Folha de São Paulo, 07/03/93, p.10)

Caso haja algum "pequeno defeito" ele deverá ser minimizado através de uma seqüência de vantagens que tornem o problema irrisório:

"Essas funções, aliadas ao eixo traseiro autodirecional (acompanha o raio da curva com um movimento de até três graus) conferem a maciez, estabilidade e baixo nível de ruído" ...

Observe-se que ninguém afirmou tratar-se de um carro totalmente silencioso, mas outras qualidades foram realçadas.

Todo lançamento de um produto está associado à idéia de novo. A novidade implica melhorias (correção de possíveis defeitos anteriores ou desvantagens em relação a outros produtos) e conseqüentemente em mais qualidade. Assim, a escolha do termo "sucessor", referindo-se a um novo modelo de automóvel, foi uma escolha feliz porque a palavra sugere "sucesso":

" Citroen lança Xantia como sucessor do BX."

A introdução geralmente se faz com elogios ao "design": *sedã, moderno, arrojado...*, com apelos ao visual que é o elemento indispensável numa sociedade consumista.

O produto pode ser conhecido internacionalmente, mas o texto é dirigido a um público em especial: aos amantes dos automóveis, principalmente àqueles com poder de aquisição.

Um jornalista - especialista em automóveis - terá obrigato-

riamente de alertar o leitor sobre as vantagens e desvantagens do veículo. Como falar das desvantagens sem comprometer o produto? (Sem comprometer-se?)

Os aspectos negativos precisam ser minimizados contrabalançando com os aspectos positivos. O publicitário não pode perder a sua credibilidade perante o público leitor, nem a sua consideração perante as indústrias. Assim, procura caracterizar o produto com argumentos a favor e contra, no mínimo em igual quantidade. Para operar esse equilíbrio são comuns oposições do tipo "é um carro de design mais defasado, mas ainda é o campeão em vendas." Esses contrastes entre qualidades e defeitos operam-se principalmente através de conjunções adversativas (*mas, embora, contudo*) que permitem caracterizar os aspectos negativos em contraste com os positivos e vice-versa:

a) "Não é um primor em desempenho mas, em compensação, tem retomadas rápidas".

b) "É bem acabado, tem bancos dianteiros confortáveis, mas o espaço traseiro é restrito"...

As estratégias usadas em a) e b) são totalmente diferentes:

Em a) há um operador negativo que nega o "primor em desempenho" contrabalançado pelo aspecto positivo da "rápida retomada".

Aplicando-se o teste de Klima comprova-se que a negação recai só sobre a primeira oração:

Não é um primor em desempenho, nem em estabilidade.

** Mas, em compensação, tem retomadas rápidas, nem estabilidade.*

** Não é um primor em desempenho mas, em compensação, tem retomadas rápidas, nem estabilidade.*

Trata-se de um período composto: a primeira sentença nega um aspecto e a segunda adverte sobre um aspecto positivo auferindo uma conclusão positiva.

O texto publicitário deve evitar o emprego da palavra **não**. Portanto, é interessante analisar a estrutura frasal da negativa: *Não é um primor em desempenho*. É um excelente exemplo para mostrar que a negação não incide somente sobre o verbo, como afirmam as gramáticas tradicionais. Veja-se também que a negação não atinge diretamente o *desempenho*, ainda afirma que o desempenho é bom. A oração não tem o sujeito explícito. Para encontrá-lo é preciso retroceder ao início do parágrafo ("*O motor...*"). A estrutura frasal é bem elaborada e a negação recai apenas sobre o predicativo do sujeito - "*um primor*".

Em b) não há um operador negativo explícito. Apresentar os aspectos negativos não significa que se tenha de usar operadores negativos de qualquer natureza. Entra aí o conceito de *valor de verdade*. Bonito/feio, grande/pequeno, bom/ruim são valores relativos transmitidos por uma cultura. São relativos porque podem ser dimensionados diferentemente de acordo com o lugar, a situação, a pessoa, etc. Depende do conhecimento de mundo. Mas, em se tratando de automóvel, "todos" entendem o que significa "*espaço traseiro restrito*". Trata-se de um aspecto negativo do carro: "*pouco espaço*", "*atrás é apertado*", "*não tem lugar que chega*" são outros modos de dizer a mesma coisa. "*Espaço restrito*" em um automóvel é um valor de verdade de aspecto negativo que desqualifica o produto.

Em resumo: o exemplo a) apresenta um aspecto negativo seguido de um positivo auferindo uma conclusão positiva acerca do produto. Em b) acontece o oposto.

Sem poupar elogios, o jornalista deixa claro que certo modelo vai "sair de linha", isto é, deixará de ser fabricado a partir de 1994. Isto significa auferir que trata-se de um modelo ultrapassado (mas não foi exatamente isto que foi dito).

Como negar sem um operador negativo?

"Carro pequeno e popular sim. Só que muitas léguas à frente do velho Fusca".

"Só que" equivale a *mas*; tem função adversativa e substitui, com certa surpresa, o elemento negativo esperado: *mas não o velho Fusca*. Indiretamente, duas vezes está dito que o Fusca está ultrapassado: chamando-o de "velho" e afirmando que há outros "muitas léguas à frente."

"Reconhece que o motor atual seria um pouco fraco para as estradas brasileiras."

Um motor "um pouco fraco" equivale a um motor "não potente" ou "menos potente". As características são expressas por adjetivos que são intensificados ou amenizados pelos advérbios. Os aspectos negativos podem tornar-se positivos de acordo com as conveniências de um momento ou de uma época. Em 1960, carros grandes eram sinônimo de bom gosto, segurança e conforto. Hoje, os carros médios são considerados modelos de luxo e os pequenos de economia. A situação econômica modificou o "modo de ver" valorizando-se não só a aparência externa do carro mas a sua economia em quilometragem.

As reportagens sobre produtos procuram descrever geralmente sob um aspecto avaliativo: nunca poupam os elogios merecidos nem os defeitos reconhecidos. Evitam-se as opiniões pessoais, como gosto pela cor; afinal, o texto é dirigido a um grande público.

Na descrição do produto são raras as sentenças negativas e quando ocorrem são sempre encaixadas com adversativas que apresentam vantagem ou compensação.

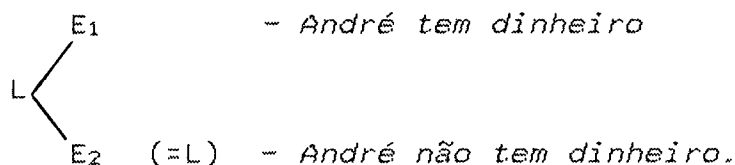
A NEGAÇÃO EM TEXTOS CRÍTICOS

Queremos analisar a significação da negação, não apenas na estrutura da frase, mas na estrutura do texto. Para isso primeiramente é preciso entender a negação dentro da semântica da enunciação.

Segundo Ducrot (1987), a negação envolve sempre dois enunciadores: um que afirma algo e outro que nega tal afirmação. Um enunciado como:

André não tem dinheiro.

Seria descrito como:



L corresponde ao locutor que é a pessoa responsável pelo enunciado negativo (E₂). Considerando-se que é impossível de se fazer

uma asserção negativa sem conhecer a oposição afirmativa, então E₂ reflete indiretamente a perspectiva de E₁. Assim, nem tudo é dito, mas pode ser subentendido no que é dito. Todo enunciado negativo (E₂) só tem sentido à medida que se opõe a E₁. Aí está a importância da polifonia do discurso porque muitas vezes só E₂ é concretamente enunciado; E₁ geralmente é pressuposto.

Selecionamos o texto "Resgatar o Sentido de Estado" (Gazeta do Povo, p.8, 30/05/93) para analisar como negação pode ser entendida como fenômeno polifônico.

Resgatar o Sentido de Estado

" A semana que passou mostrou mais uma faceta das dificuldades brasileiras para reencontrar o caminho da recuperação: após a posse festiva do novo ministro da Fazenda, consagrado como uma solução ideal para manter a economia sob coordenação, começaram os questionamentos. Primeiro, os partidos políticos vinculados ao governo ameaçaram se rebelar contra o que consideraram ampliação demasiada do espaço concedido à agremiação do novo titular da Fazenda: segundo, o presidente impôs condições e reservas que dificultam o preenchimento dos ministérios vagos.

A escolha do senador Fernando Henrique para a Pasta das Finanças suscitou esperanças firmes da sociedade, dado seu perfil de operador político hábil e de intelectual amadurecido, sem as limitações tecnocratas ostentadas por jovens economistas que recentemente

dirigiram a política econômica, nem as suspeições que alcançaram outras figuras. Mas ao tempo em que nomeava Fernando Henrique, o presidente da República designou um político considerado "amigo pessoal" para o Ministério das Relações Exteriores, como para evidenciar as limitações que cercariam o novo ministro da Fazenda.

Uma declaração extemporânea do presidente nacional do PSDB, Tasso Jereissati, indicando que o ministro Fernando Henrique, na sequência, poderia ser o candidato presidencial dos "tucanos", despertou constrangimentos e acendeu tensões. O PMDB, onde vai despontando a figura do governador paulista Luiz Antônio Fleury, como a terceira via para a corrida presidencial - na brecha localizada entre os nomes já postos de Paulo Maluf e Luiz Inácio Lula da Silva - recebeu a nomeação e o prestígio de Fernando Henrique como uma ameaça potencial aos seus planos.

Tanto ele como os demais governadores do PMDB e as lideranças congressuais do partido, promoveram no curso da semana largas manifestações em Brasília, externando descontentamento pelo excesso de espaço que o presidente Itamar Franco estaria conferindo ao PSDB, em preterição às bancadas maiores do PMDB. Até se falou em rompimento ou independência peemedebista diante do governo federal. Ao final dos debates chegou-se a uma proposta menos radical: o PMDB continua apoiando o governo do presidente Itamar Franco mas não indica ministros e, nos ministérios onde tiver o titular, quer dispor também dos cargos intermediários.

Como demonstração concreta da nova disposição de negacear, os peemedebistas retardaram o exame dos projetos de interesse governamental em tramitação no Congresso, dos quais o mais importante é o que

institui o IPMF. O quadro evoluiu no final da semana, com as conversações mantidas entre Itamar e os líderes do PMDB, mas fica desde logo evidente a dificuldade de aplicar um programa de governo consistente no Brasil.

Os partidos brasileiros, apesar de pulverizados sob o efeito de uma legislação imperfeita - que facilita a fragmentação do quadro político - estão empenhados no varejo da prática política e no imediatismo das campanhas sucessórias, em vez de se dedicarem à árdua tarefa de reconstrução das instituições pluralistas. As sociedades que conseguiram se afastar da instabilidade e da estagnação, em nosso tempo, tiveram à sua testa homens públicos dotados de "um alto sentido de Estado", como a Espanha.

É preciso ver que a democracia não é planta nativa deste continente, conforme demonstram as crises recentes do Peru e da Guatemala. Nós, latino-americanos, ainda exibimos em grau escasso, os padrões de compromisso e divergência negociada que tornam viáveis as estruturas democráticas, situação que o libertador Simon Bolivar classificava de insuficiência do processo civilizatório herdado dos povos fundadores.

Só aos poucos estamos ultrapassando o populismo inorgânico da fase pós-independência para a representação política no padrão das democracias consolidadas da Europa e América do Norte. "Sair da crise - analisa Alain Touraine com respeito à América Latina - é acelerar a formação de atores políticos que não são mais agentes de participação no sistema estatal de distribuição, mas sim, representantes de interesses sociais e econômicos definidos à européia, ou pelo menos, à americana". O destino do continente, para esse autor, consiste na

transição do populismo ou do autoritarismo para a representação de interesses segundo o modelo europeu, levando em conta que só os sistemas democráticos são estáveis na promoção do desenvolvimento. Há progresso, mas lento, como demonstra pesquisa de atitudes no Congresso.

Mas para tanto os agentes políticos precisam ter o sentido de Estado, o conceito de "res publica" e a capacidade de construir o futuro."

Como já vimos, não há sentido em negar sem que se pressuponha oposição de uma afirmativa: "A democracia não é uma planta nativa deste continente..." Trata-se de uma sentença negativa, mas há dois atos ilocutórios distintos:

- 1º ato ilocutório: corresponde a uma asserção positiva (A democracia é uma planta nativa deste continente).

- 2º ato ilocutório: corresponde a uma recusa do 1º. Para Durot os dois atos ilocutórios não podem ser imputados ao mesmo locutor. Geralmente o 2º é assimilado ao locutor e o 1º a um outro personagem podendo ser também uma crença mais geral (pelo menos suposta). Assim, para a análise do texto - "Resgatar o Sentido de Estado" - consideraremos:

L = locutor; apresenta diversos fatos numa seqüência temporal: Fato ---> conseqüência.

E₁ = 1º enunciador apresenta os fatos através de informações e considerações de terceiros.

E₂ = 2º enunciador; responsável pela negação de sentença.

Para evitar repetições, dividimos a página em duas colunas: a da esquerda apresenta o texto e a da direita apresenta os nossos comentários. Sugerimos que se leia primeiro a coluna da esquerda - onde se localiza o texto - e depois os comentários para facilitar a visualização e a compreensão.

O texto divide-se em nove parágrafos por nós numerados, e a análise acompanha simultaneamente essa seqüência.

Durante a leitura, observe-se que o texto é essencialmente polifônico à medida que deixa de narrar o fato para comentá-lo através de seqüências de encaixes explicativos apresentando ora uma visão geral do contexto e detalhes informativos, ora opiniões favoráveis ou desfavoráveis. Trata-se de uma narrativa dissimuladamente impessoal aos olhos de um leitor apressado. Consideramos como um texto crítico porque expressa opinião. O seu título é harmônico com o conteúdo: *resgatar* - reforçado mais adiante pelos verbos *reencontrar* e *recuperar* - sugerindo uma mudança de sentido para sair das dificuldades.

1º PARÁGRAFO

L A semana que passou mostrou mais uma faceta das dificuldades brasileiras para reencontrar o caminho da recuperação:

L após a posse festiva do novo ministro da Fazenda,

COMENTÁRIOS

Nesta introdução L localiza temporalmente o texto; situa o leitor no assunto: "as dificuldades brasileiras para reencontrar o caminho da recuperação" criando uma expectativa do que tem a dizer.

L apresenta um fato ocorrido na semana: a posse festiva como prova da boa aceitação da nova nomeação.

E1 consagrado como uma solução ideal para manter a economia sob coordenação,

L começaram os questionamentos.

Primeiro os partidos políticos vinculados ao governo ameaçaram rebelar-se contra

E1 o que consideraram ampliação demasiada do espaço concedido à agremiação do novo titular da Fazenda.

L Segundo, o presidente impôs condições que dificultam o preenchimento dos ministérios vagos

Para isto recorre a E1 que apresenta um consenso, talvez reproduzindo as palavras de outros.

L retoma a enunciação mantendo a expectativa.

L prepara o leitor para a apresentação dos aspectos negativos ordenando os fatos através das expressões "*Primeiro... Segundo*".

E1 intervém apresentando uma consideração do partido.

L reaparece complementando os fatos que servem de sustentação para o assunto.

O início do parágrafo está em sintonia com o título não só como apresentação do assunto mas também pela escolha das palavras: *resgatar, reencontrar, recuperar* - todas reforçando a idéia de uma mudança. Ora, só se deseja mudar quando algo está errado. O texto quer retratar quais são as dificuldades dessa mudança opondo acontecimentos positivos e negativos: positivos - a mudança e a boa aceitação do ministro; negativos - a rebeldia dos partidos políticos e as imposições do presidente.

A expressão "*mais uma faceta das dificuldades brasileiras*" sugere não apenas uma pluralidade de dificuldades, mas também o inesperado e diferente.

O enunciado: "*após a posse festiva do novo ministro...*" o uso de *após* sugere uma oposição; não tem simplesmente valor temporal; prepara o leitor para uma adversidade. Apresenta um fato positivo (a posse festiva) introduzido por *após* que cria a expectativa para a apresentação das más notícias (começaram os questionamentos).

... "*ameaçaram rebelar-se contra*" é triplamente negativa pois há uma seqüência de palavras culturalmente consideradas negativas apesar de não se consumir o fato que é considerado negativo pela intencionalidade.

A polifonia permite pinceladas negativas com o auxílio de vários recursos válidos neste contexto:

- 1) Antônimos negativos - *dificuldades, contra*.
- 2) Verbos de negação inerente - *dificultam*.
- 3) Palavras culturalmente negativas - *ameaçar (= intimidar), rebelar-se, condições e reservas, impôs*.
- 4) Intensificadores - *mais*. (*mais uma faceta das dificuldades*).
- 5) Prefixação - conotando mudança de sentido - *reencontrar, recuperar* (*reencontrar = encontrar novamente o que está perdido; recuperar = efeito de adquirir novamente o que está perdido*).
- 6) Preposição - *após* - sugerindo uma relação entre um fato positivo (*posse festiva*) e um negativo (*ameaça de rebelar-se*).
- 7) Adjetivação - *demasiada* - caracterizando negativamente *ampliação*.

Sentenças consideradas sintaticamente afirmativas sugerem uma negação ou oposição a nível semântico. A colocação estratégica de algumas palavras é que vai explicar essa conotação.

O "*ministro da Fazenda, consagrado como solução ideal para manter a economia sob coordenação*"...

Ora, uma solução só é necessária onde há um problema, no caso uma economia que não está sob coordenação.

... "*O presidente impôs condições que dificultam o preenchimento dos ministérios vagos*" poderia ser parafraseado como: *vai ser difícil o preenchimento dos ministérios vagos...* ou *...não vai ser fácil...* São construções diferentes que exprimem mais visivelmente a negação a nível lexical ou sintático.

2º PARÁGRAFO

L A escolha do senador FH para a Pasta das Finanças suscitou esperanças firmes da sociedade,

E1 dado seu perfil de operador político hábil e de intelectual

COMENTÁRIOS

L comenta a nomeação do ministro FH.

Repare-se a conotação negativa expressa por *esperanças firmes*. A esperança só tem sentido onde há sofrimento... Adjetivada com *firmes* sugere que houve outras esperanças anteriores, mas nenhuma com tanta intensidade como agora.

amadurecido, sem as limitações tecnocratas ostentadas por jovens economistas que recentemente dirigiram a política econômica, nem as suspeições que alcançaram as outras figuras.

L Mas ao mesmo tempo que nomeava .
FH,

L o presidente da República designou um político
E1 considerado "amigo pessoal"

L para o Ministério das Relações Exteriores, como para evidenciar as limitações que cercariam o novo ministro da Fazenda.

Os marcadores negativos *sem...nem* encaixam-se muito bem no enunciado de E1 para comentar e complementar positivamente o perfil.

Através de *mas* L evidencia uma oposição entre dois fatos: a nomeação (fato positivo), a designação de um "amigo pessoal" (fato negativo).

Repare-se a alternância entre L e E1 - o último nitidamente marcado pelas aspas e comentando criticamente.

Limitações - tem sentido negativo.

Nos parágrafos seguintes a polifonia revela-se no encaixe de enunciados que expressam opiniões pessoais ou coletivas facilmente reconhecidas pelo uso de travessões, aspas, adjetivações e pontuação. Vejamos:

L Uma declaração extemporânea do presidente nacional do PSDB,

E₁ Tassio Jereissati, indicando que o ministro FH, na seqüência, poderia ser um candidato presidencial dos "tucanos"

L despertou constrangimentos e acendeu tensões.

L O PMDB onde vai despontando a figura do governador paulista LAF, como a terceira via para a corrida presidencial

L -na brecha localizada entre os nomes já postos de PM e LILS -

Observe-se a importante função de L que intervém apresentando uma opinião através de um adjetivo - *extemporânea* - para comentar negativamente a declaração.

E₁ intervém com explicações necessárias para que o leitor tenha todas as informações e compreenda a relação de causa e consequência estabelecida no parágrafo.

E₁ representa a fala de TJ.

O locutor apresenta as consequências negativas da declaração: constrangimentos e tensões.

L continua a narrativa explicando os motivos que levaram TJ a uma declaração extemporânea. Recorre a uma seqüência de encaixes explicativos para que o leitor compreenda o contexto situacional. Aqui L cita os candidatos de outros partidos para explicar a insatisfação do PMDB onde apenas "desponta" um candidato agora ameaçado pelo prestígio de FH.

recebeu a nomeação e o prestí-
gio de FH como uma ameaça poten-
cial aos seus planos.

4º PARÁGRAFO

Tanto ele como os demais go-
vernadores do PMDB e as lide-
ranças congressuais do partido
promoveram,

no curso da semana largas
manifestações em Brasília

externando descontentamento
pelo excesso de espaço que o pre-
sidente IF estaria conferindo ao
PMDB, em preterição às bancadas
maiores do PMDB.

Até

E₁ representa alguém do PMDB
preocupado com a nomeação e o
prestígio de FH que pode tor-
nar-se uma ameaça ao partido.

COMENTÁRIOS

A expressão "*tanto... como*" tem
valor explicativo mas aqui tam-
bém enfatiza a participação de
LAF.

L situa o leitor no tempo e ex-
plica adjetivando quantitativa-
mente as manifestações.

E₁ - representa alguém do PMDB
apresentando o motivo das mani-
festações. Repare-se o uso da
negação de constituinte em *descon-
tentamento* - muito mais ameno, e-
vitando negativas do tipo: *não
contentes com...*

Há uma preparação do leitor para
uma situação extrema. *Até* tem va-
lor intensificador.

E₁ se falou em rompimento ou independência peemedebista diante do governo federal.

L Ao final dos debates chegou-se a uma proposta menos radical:

E₁ o PMDB continua apoiando o governo de IF

L mas

E₂ não indica ministros e, nos ministérios onde houver titular, quer dispor também, dos cargos intermediários.

A impessoalidade de E₁ é marcada pelo se.

E₁ está representando a fala de alguém, do PMDB.

L dá seqüência com uma explicação temporal. Agora L é marcado pela impessoalidade através do se para qualificar e quantificar a proposta (menos = não tão).

Observe-se o tempo verbal composto em vez do presente simples (apóia) sugerindo que pode deixar de apoiar...

L prepara o leitor para fatos opostos.

E₂ intervém apresentando a fala de alguém do PMDB. A sentença negativa pressupõe que era tarefa do partido indicar ministros.

No quarto parágrafo os enunciados de E₁ interrompem a narrativa L com explicações de "conhecimento de mundo".

A principal função de L é explicar enfatizando ou atenuando determinadas situações para dividir a responsabilidade do texto entre E₁ e E₂. Por isso evita a negativa de sentença que é mais direta "... descontentamento pelo excesso..." em vez de *não contentes com o*

excesso. Os verbos no gerúndio também suavizam o conteúdo sugerindo que pode não haver longevidade do fato como se pode observar na expressão *continua apoiando* em vez de *apóia*.

5º PARÁGRAFO

L Como demonstração concreta da nova disposição de negacear, os peemedebistas retardaram o exame de projetos de interesse governamental em tramitação no Congresso,

E₁ dos quais o mais importante é o que institui o IPMF.

L O quadro evoluiu no final de semana, com as conversações mantidas entre Itamar e os líderes do PMDB, mas fica desde logo evidente a dificuldade de aplicar um programa de governo consistente no Brasil.

COMENTÁRIOS

L apresenta as conseqüências do descontentamento do PMDB com a nomeação de FH. Esses fatos são os argumentos para a conclusão do parágrafo.

E₁ acrescenta uma explicação ou opinião de alguém.

O locutor relaciona todos os fatos que embasam o assunto do texto apresentado no 1º parágrafo e comenta prevendo outras dificuldades posteriores.

A partir dos fatos expostos nos parágrafos anteriores, o 6º parágrafo analisa os partidos brasileiros preocupados com campanhas sucessórias e não com o Estado.

60 PARÁGRAFO

L Os partidos brasileiros

E1 apesar de pulverizados sob o efeito de uma legislação imperfeita - que facilita a fragmentação do quadro político -

L estão empenhados no varejo da prática política e no imediatismo de campanhas sucessórias, em vez de se dedicarem à árdua tarefa de reconstrução das instituições pluralistas.

L As sociedades que conseguiram se afastar da instabilidade e da estagnação, em nosso tempo tiveram à sua testa homens públicos dotados de "um alto sentido de Estado",

L como a Espanha.

COMENTÁRIOS

E1 explica defensivamente, crítica a legislação e atenua o comentário que L faz a seguir.

L critica ofensivamente (Os políticos não se dedicam à árdua tarefa).

L se resguarda exemplificando.

L conclui empregando aspas para representar a fala de outro.

L dá uma noção explicativa de valor locativo e comparativo.

70 PARÁGRAFO

L É preciso ver que

E2 a democracia não é planta nativa deste continente,

COMENTÁRIOS

L chama a atenção do leitor

E2 nega, contraria uma opinião pressuposta.

L conforme demonstram as crises recentes do Peru e da Guatemala.

L Nós,

E₁ latino-americanos

L ainda exibimos em grau escasso os padrões de compromisso e divergência negociada que tornam viáveis as estruturas democráticas.

L Situação que o libertador Simão Bolívar classificava de

E₁ insuficiência do processo civilizatório herdado dos povos fundadores.

L exemplifica.

L confunde-se com E₁ para emitir uma opinião, incluindo-se como latino-americano.

Poderia ser parafraseado: quase não exibimos... ao invés da negativa, "ainda" e "em grau escasso" que quantificam negativamente a afirmativa.

L prepara para apresentar a opinião de outrem.

E₁ apresenta a opinião de Simão Bolívar.

No texto, dá-se preferência à negação de constituinte:

A insuficiência do processo civilizatório...

O processo civilizatório insuficiente...

A ausência de um verbo estativo passa despercebida porque a idéia de estatividade permanece quer no substantivo (insuficiência) quer no adjetivo (insuficiente).

Não encontraremos nenhuma negação de sentença que possa ser imputada a L, pois negar significa contrariar algo. Assim, E₂ está encarregado de assumir essa tarefa. L também confunde-se com E₁ no momento em que este se auto-denomina "nós" incluindo-se como ser participativo no mundo.

80 PARÁGRAFO

L Só aos poucos estamos ultrapassando o populismo inorgânico da fase pós-independência para a representação política no padrão das democracias consolidadas da Europa e América do Norte.

E1 "Sair da crise

L - analisa Alain Touraine com respeito à América-Latina -

E1 é acelerar a formação de atores políticos que [

E2 não são mais agentes de participação no sistema estatal de distribuição,]

mas sim, representantes de interesses sociais e econômicos definidos à européia, ou pelo menos, à americana."

E1 O destino do continente,

L - para esse autor,

COMENTÁRIOS

L confunde-se com E1 para emitir opinião.

E1 apresenta a fala de outro marcada pelas aspas.

L interfere apresentando o autor dessa fala e dando uma referência espacial.

Dentro da fala de E1 há um encaixe de E2.

A negação de sentença se faz pela oposição de sentenças: *não... mas sim...* e não é preciso pressupor a afirmativa porque ela é expressa por E1 .

L avisa que as idéias são de Alain Touraine.

E₁ consiste na transição do populismo ou do autoritarismo para a representação de interesses segundo o modelo europeu, levando em conta que só os sistemas democráticos são estáveis na promoção do desenvolvimento.

L Há progresso, [E₁ mas lento] como demonstra pesquisa de atitudes no Congresso.

L não se compromete: as idéias são imputadas a E₁ que representa Alain Touraine.

... "levando em conta que"... é uma expressão de alerta (Os outros sistemas não são estáveis).

L comenta o lento processo de democratização amparando-se na pesquisa de atitudes no Congresso.

Só aos poucos (intensificador negativo temporal) é uma expressão temporal que pode ser parafraseada por *bem devagarinho* que serve para colocar - semanticamente - a sentença numa faixa intermediária. Isto é, entre o negativo e o afirmativo pois sugere lentidão, demora para sair do *populismo inorgânico* (extremo negativo) para a *representação política* (extremo positivo). Significa que esse processo de mudança está apenas iniciando. (Repare-se que sintaticamente a sentença é afirmativa - jamais admitiria acréscimos negativos como os propostos por Klima).

Novamente L confundiu-se com E₁ incluindo-se no sujeito oculto de primeira pessoa do plural para demonstrar sua concordância com a opinião e como ser participante dos fatos.

É preciso ressaltar a importância do conhecimento de mundo. O leitor deve estar atento para a total compreensão "do dito e do não dito". Assim, até um texto que esteja entre aspas poderia ser redividido entre o locutor ou os enunciadores desde que tivéssemos

conhecimento dos "donos" da fala porque muitas falas podem ser propositalmente ou espontaneamente repetidas.

A última sentença do parágrafo não expressa mais a opinião de Alain Touraine, é uma opinião expressa por L em continuidade ao pensamento daquele autor.

9º PARÁGRAFO

L Mas para tanto os agentes políticos precisam ter o sentido de Estado, o conceito de "res publica" e a capacidade de construir o futuro.

COMENTÁRIOS

L dá continuidade e adverte: os agentes políticos não têm mas precisam ter o *sentido de Estado*.

A expressão latina "res publica", que chama a atenção não só pela forma como pelas aspas, está associada com o título para significar: novamente coisa pública, ou o Estado voltado ao interesse comum. Há também a oposição entre passado e futuro. É preciso voltar ao passado resgatando o conceito de "res publica".

A escolha de L, E₁ e E₂ é aleatória. Poderiam ser usados quaisquer signos embora tenhamos usado os mesmos sugeridos por Ducrot para representar a unidade na polifonia da enunciação.

Também a divisão dos enunciados do texto entre L, E₁ e E₂ é aleatória. Para o estudo do nosso texto foi proposta uma divisão estabelecendo as "responsabilidades" (funções) de cada um sem interferir na seqüência e harmonia da apresentação. Alguém poderia sugerir outras subdivisões (E₃, E₄ ...) mas para o nosso objetivo - polifonia da

negação - isto não se faz necessário. Por isso trabalhamos de maneira simplificada.

Nem sempre é fácil dividir as falas entre o locutor e os enunciadores. Esta dificuldade surge da possibilidade que o locutor tem de transformar as falas de outros enunciadores do discurso direto para o indireto. Conseqüentemente os pronomes e os verbos são da terceira pessoa tornando o texto impessoal e, mais ainda, quando recorre ao uso do *se*: *falou-se*.

O locutor é responsável por todos os enunciados. Quando cita o nome de alguém torna-se co-responsável pelo enunciado daquele:

" *Uma declaração extemporânea de Tasso Jereissati...*"

Neste exemplo L é co-responsável pelo enunciado porque afirma que tal declaração é de Tasso Jereissati.

Além disso ficamos diante de um dilema: a quem atribuir a adjetivação *extemporânea*? Sentimos que ao adjetivar a declaração ela é qualificada como inoportuna. Ora, ao qualificar emite-se uma opinião. A quem imputar a responsabilidade dessa opinião? Optamos por imputar a L: não há negação de constituinte nem de sentença, apenas a nível conceitual (*extemporânea* = *inoportuna*). Portanto, não pode ser responsabilidade de E₂. Também não pode ser imputada a E₁ que representa a fala dos outros. A adjetivação é um recurso de autoridade polifônica porque L julga os atos de uma pessoa (no caso - Tasso Jereissati) como prova de seus argumentos em relação a atual política do País.

A gramática de uma língua, apesar de sua unidade e inter-relação entre as suas partes, requer um tratamento diferente conforme o

enfoque. Essa unidade interfere na análise da língua tornando muito difícil uma separação total entre morfologia, sintaxe e semântica.

A nível morfológico e sintático a negação teve maiores atenções do que a nível semântico. *In-* e *des-* são prefixos negativos de constituinte, *não* é considerado como operador negativo por excelência. Essa *excelência* não se justifica a nível semântico: outros recursos são empregados ao invés de utilizar operadores negativos, não só palavras de conteúdo conceitual negativo, mas também, palavras que, fora de contexto, nada têm a ver com negação.

Concluimos que a negação é um recurso polifônico através do qual o locutor divide a responsabilidade dos enunciados com E₁ e E₂. No texto poucas vezes recorreu-se a E₂; há poucas sentenças gramaticalmente negativas. Contudo, a nível semântico, observamos que outros recursos sugerem a negação:

... " *Só os sistemas democráticos são estáveis* "...

Implica concluir que *os outros sistemas não* são estáveis.

Concordamos, pois, com Rodolfo Ilari (p.88) que propõe dois tipos de gramática: uma estrutural e outra textual.

Os significados podem ser os mais diversos, tantos quantos forem os contextos, o que justifica, pelo menos de início, uma análise de interpretação semântica muito menos formal do que estamos habituados, pois, pelo menos quanto à negação a excelência de *não* não se faz com primazia a nível textual.

CONCLUSÃO

Muitas estruturas só são possíveis graças ao conhecimento de mundo. Assim é possível a compreensão de muitos enunciados que ocorrem geralmente em diálogos e que significam exatamente o contrário do que afirmam. São casos de antonímia semântica.

Por exemplo:

_ Merece ter filha?

Esse enunciado pode ser lido como: Não merece ter filha. O conteúdo significativo é negativo apesar de não possuir nenhum operador negativo. Essa antonímia semântica se processa através da prosódia: há uma entonação peculiar em tom interrogativo que substitui o operador negativo de uma afirmativa.

A presença de um operador negativo na interrogativa daria outra conotação.

_ Não merece ter filha?

Neste caso o operador negativo não nega nem o verbo nem a sentença. Sua função é realçar o que é dito pelo enunciador esperando que outro concorde com ele.

Outros exemplos:

_ O Brasil não é o país do samba e do carnaval?

_ Você não acha bom o trabalho?

_ O senhor não acabou de dizer que concordava?...

Há também casos de antonímia semântica em que o operador negativo tem significação afirmativa:

_ Quem não sabe disso?

O tom suspensivo da interrogativa está encarregado de dar a seguinte conotação: todos sabem isso.

A antonímia semântica só ocorre em sentenças interrogativas ou exclamativas, freqüentemente em conversas informais, e o contexto auxilia muito o entendimento:

_ *Pois, sim!*

Pode significar que não há concordância tendo conotação negativa desde que acompanhado de entonação adequada. O mesmo pode-se dizer de:

_ *Pois, não!*

Que pode significar uma concordância; tem conotação afirmativa apesar de apresentar o *não* na sua estrutura.

Nestes casos a entonação é fundamental para a compreensão.

Há portanto, certos mecanismos de supressão de *não* que atenuam ou realçam a significação do que é dito ou a responsabilidade de quem diz. Há também situações inversas onde o operador negativo realça o enunciado que não tem sentido negativo. Assim, a nível de prosódia a presença ou ausência de um operador negativo tem valor decisivo quanto à significação.

A nível morfo-sintático: a negação pode incidir sobre as palavras de todas as classes gramaticais?

Vejamos algumas conclusões morfo-sintáticas:

a) **Nomes:**

Vários substantivos abstratos e adjetivos admitem a negação por prefixação ou composição: *infelicidade, infeliz, desonestidade, desonesto, não-violência, não-violento.*

Há também negação nos pares antônimos:

SUBSTANTIVOS	ADJETIVOS
<i>afirmação - negação</i>	<i>alegre - triste</i>
<i>vitória - derrota</i>	<i>bonito - feio</i>
<i>honestidade - desonestidade</i>	<i>invulgar - vulgar</i>
<i>tranqüilidade - intranqüilidade</i>	<i>imperceptível - perceptível</i>

Os antônimos sugerem a oposição entre um valor positivo e outro negativo -*bom/ruim*- conforme os padrões sociais. Os antônimos que se formam por prefixação como *infalível* e *invulgar* têm culturalmente valor positivo; gramaticalmente são termos negativos. Já em *desonestidade* há um valor cultural negativo e gramaticalmente é um termo negado. O prefixo tem pois, a função de negar o termo; é um componente morfológico e não conceitual.

Exemplo: *Elaborou um plano infalível.*

Infalível é um adjetivo que qualifica positivamente o plano; *in-* é um prefixo negativo (nega que seja "falível").

Eu adorava a intranqüilidade das noites citadinas.

"*Intranqüilidade*" é culturalmente considerada negativa ou positiva? Neste exemplo depende do ponto de vista de cada um.

Muitos adjetivos apresentam formas de superlativo: *normalíssimo, confortabilíssimo, felicíssimo...* Seria possível acrescentar prefixos negativos a estes adjetivos, mas exceto *facílimo/difícilimo* que são de origem erudita, no corpus não encontramos adjetivos como: *anormalíssimo, desconfortabilíssimo, infidelíssimo* (prefixo negativo +

adjetivo + sufixo de superlativo). Contudo, dialogicamente - na retomada - isso é perfeitamente aceitável:

- *Ele é fidelíssimo!*

- *É? Eu diria infidelíssimo!*

b) Artigos:

Como constituintes os artigos não podem ser negados. Mas em contextos especiais operadores negativos de sentença podem anteceder-lo quando:

- o verbo está subentendido: *_ Não (quero) o caderno de matemática, o de português!*

- o operador negativo tem posição livre na oração: *Nunca o livro será esquecido; alguém há de lê-lo.*

c) Numerais:

Os numerais não admitem a negação de constituinte. Podem aceitar um operador negativo de sentença anteposto nas mesmas situações do artigo:

_ Jamais (dese) dupla!

_ Não (pedi) seis. Três.

_ Seis, nunca! Nem três.

- Não meio! Um quarto.

d) **Pronomes:**

Os pronomes admitem um operador negativo antecedendo quando há elipse:

- _ *Nunca ela. Ele!*
- _ *Não senhora. Senhorita!*
- _ *Jamais sua! Nossa!*
- _ *Não esse. Aquele!*

Nas orações negativas há uma regra gramatical que exige os oblíquos átonos antecedendo o verbo:

- _ *Nunca a maltratam!*
- _ *Não me avisaram da reunião.*
- _ *Jamais te disseram isso?*

Quanto aos pronomes indefinidos há aqueles que admitem a negação quando há elipse (*Não alguns. Leve todos*) como aqueles que incorporam o operador negativo:

- não alguém => ninguém*
- não muito => pouco,/ um pouco*
- não algum => nenhum*

e) **Verbos:**

Há verbos que podem ser prefixados negativamente (*descontinuar, impermear*).

Na sentença negativa o operador negativo atecede o verbo, exceto se houver um pronome oblíquo átono na sentença.

_ *Nunca colabora com as tarefas.*

_ *Nem pediu para sair!*

_ *Jamais trouxe um presente.*

_ *Ele não vai me explicar.*

f) Advérbios:

Muitas palavras terminadas em *-mente* admitem a prefixação negativa: *infelizmente, desinteressadamente, inoportunamente, despropositalmente...* São derivadas de adjetivos que formam antônimos por prefixação (proposital -> propositalmente -> despropositalmente). Os advérbios também possuem pares antônimos que podem ser negados mas com elipse do verbo:

- Não tarde! Volte cedo.

O advérbio negativo **não** é considerado o operador negativo por excelência em língua portuguesa. Há também os operadores negativos temporais (*nunca, jamais*), os freqüentativos (*raramente, freqüentemente*). Como um advérbio pode referir-se a outro advérbio é possível encontrar as seguintes seqüências:

Não realmente assim...mas

Mas não decerto dessa maneira...

..Não apenas para confortá-la...

...não defronte à farmácia, ao lado.

g) Preposições:

A função da preposição não permite a negação de constituinte mas há situações onde ocorre a elipse verbal:

Ficou tempo, não ante a moça, mas ante a mãe...

Não desde 1895; desde 1985.

A preposição *sem* pode funcionar como um operador negativo de constituinte quando refere-se a um substantivo:

Quando estamos sem a bola todos combatem.

São mortes sem motivo aparente.

Mora sem a família.

Em orações complexas pode negar a oração encaixada desde que esteja antecedendo um verbo no infinitivo:

Pode ficar doente sem se preocupar com os custos do tratamento.

A ciranda financeira prossegue e os capitais podem crescer sem produzir.

Também a preposição *contra* pode conotar negação:

Estava contra tudo e contra todos.

A função das conjunções é relacionar termos e orações. Guimarães (1987) elaborou um estudo sobre as conjunções analisando a sua relação com a organização textual e sua orientação argumentativa; fez considerações sobre a organização textual a partir de exemplos retirados de textos já existentes. A conjunção *mas*, por exemplo, tem função argumentativa em:

"Paulo era o mais adequado para o cargo mas não foi o escolhido."

"Ser o mais adequado" era a razão para "ser escolhido" o que explica a conjunção numa oração negativa encaixada. **Mas** é uma conjunção de largo

uso muito empregada para introduzir uma sentença que se oponha a uma anterior.

As conjunções podem ser antecedidas de Neg quando há elipse do verbo: *_ Não mas! Eu disse mais.*

Conjunções adversativas (*mas, embora, porém*), concessivas (*conquanto, mesmo que, apesar que*) e condicionais (*se, a menos que, salvo se*) supõem uma oposição mesmo que não haja um operador negativo na sentença:

Hoje, porém compareceram todos; não por vontade, mas por necessidade.
"Hoje, porém compareceram todos" faz supor que noutros dias "não compareceram todos". Na segunda sentença a oposição (afirmativo X negativo) é explícita.

Se a inflação diminuísse ele seria eternamente recompensado.

Embora tenham sido considerados remédios para muitas doenças, são inócuos.

Se é uma conjunção condicional indicando uma hipótese que pode ou não realizar-se (a inflação pode ou não diminuir). A concessiva *embora* expressa um fato contrário à ação da principal: "são inócuas" equivale, neste contexto a "não são eficazes".

i) Interjeições:

Há aquelas consagradas para expressar uma desaprovação: *Cre-do! Fora! Basta!* Servem para denotar sentimentos e por isso são extremamente espontâneas. Podemos considerar interjeições negativas *não, nunca e jamais* e ainda outros gritos acompanhados de significativa expressão corporal e entonação: *Uhr, éca, nunca, não.*

Os estudos lingüísticos costumavam afastar-se das análises sobre o significado, tanto é que nossas gramáticas abordam extensamente os aspectos considerados formais - passíveis de regras e explicações estruturais - consonantes com a lógica. Mais recentemente, deu-se a preocupação com uma teoria do significado e difundiram-se as teorias sobre a semântica, a pragmática e o discurso. Mais do que nunca, todos os estudos gramaticais sobre a palavra e a sentença passaram a ser valorizados, mas não apenas dentro de uma teoria da frase, e sim dentro do texto.

O conjunto de frases que formam um texto passa a ser estudado em função dos objetivos do enunciador, dos recursos que emprega para expressar-se, e, além das regras gramaticais, verificam-se as regras sócio-culturais que impõem determinados padrões de expressão.

Em resumo: interessa não só o que é dito mas como é dito.

Em busca de um conhecimento mais profundo sobre o significado da enunciação ampliou-se o estudo da frase para o estudo do texto buscando saber os objetivos do enunciador. Uma das conclusões mais sérias a que se chegou é a de que o enunciador não quer revelar-se e por isso não assume sozinho a responsabilidade sobre o enunciado. Para isso recorre à polifonia: outro personagem diz algo no interior do seu próprio discurso.

Para compreender a negação como um recurso polifônico estudamos, no primeiro capítulo, a negação sob o aspecto morfológico-lexical. O prefixo *in-* significa negação ou privação:

<i>inadaptável</i>	- não adaptável	<i>incompetente</i>	- sem competência
<i>ineficiente</i>	- não eficiente	<i>imberbe</i>	- sem barba
<i>incontestado</i>	- não contestado	<i>incompetência</i>	- falta de competência

In- nega apenas a base à qual se antepõe (negação de constituinte):

Os dados são insuficientes.

Conceitualmente, a palavra prefixada com *in-* pode ter valor positivo valorizando um aspecto qualquer:

A jóia tinha um valor inestimável.

Des- pode ter diversos significados:

a) Ação inversa ou ação em sentido oposto: *desfazer, despentear, desmascarar, destravar, desligar, descolar, descontentamento, desvirtuamento, desemprego, desaparecido.*

Há inúmeras palavras prefixadas com *des-* que pressupõem um estado anterior: - *para desligar é preciso que algo tenha sido ligado antes.*

- *Descarregar é o inverso de carregar. Supõe que algo tenha sido carregado antes.*

b) Privação, falta de: *desabitado, desprotegido, desrespeito, desassunto.*

c) Negação (somente com adjetivos): *desonesto, desumano, desabitado, desleal.*

d) Separação: *desfolhar, despedaçar.*

O prefixo *des-* só significa negação em adjetivos (*desonesto - não honesto*). Quando se une a substantivos tem outro significado: *desonestidade - falta de honestidade; deslealdade - falta de lealdade.*

Quando antecede um verbo pode significar ação inversa e privação: *descarregar - inverso de carregar; desrespeitar - faltar com o respeito.* A negação do verbo só se faz com a anteposição de um operador negativo como: *Não carrega.*

Nunca carregou.

Mas a prefixação com *in-* ou *des-* nem sempre é possível. Recorre-se

então ao processo de composição através do qual novas palavras se formam a partir da aposição de duas bases: duas palavras passam a ter um novo e único significado. Interessa-nos, em particular, a justaposição do advérbio de negação ao adjetivo ou ao substantivo:

não-dicionarizado *não-naturalizado*
não-viciado *não-violento*

Formações deste tipo não são muito freqüentes, mas tornam-se necessárias devido a uma espécie de vácuo no léxico: não existe uma palavra antônima que expresse o mesmo conteúdo. Também não existe a forma prefixada correspondente: **inviciado*, **desviciado*.

É possível negar com uma única palavra mesmo que ela não contenha nenhum morfema negativo:

- *Trouxe os formulários?*

- *Esqueci.*

Pela terminologia de Klima, são chamados de verbos de negação inerente. São verbos com valor afirmativo, mas seu valor referencial contém uma negação:

não esquecer = lembrar

não saber = ignorar

São verbos volitivos ou cognitivos; pares antônimos cuja sinonímia requer o operador negativo *não*:

a) *Ele duvidava que ela acabaria a tarefa.*

b) *Ele não acreditava que ela acabaria a tarefa.*

c) *Ele acreditava que ela não acabaria a tarefa.*

d) *Ele desacreditava que ela acabaria a tarefa.*

Repare-se que as substituições b), c) e d) requerem operadores formais de negação ao contrário de a) que tem o verbo de negação inerente. Observe-se ainda, a mobilidade de *não*.

Portanto, há certas palavras que contêm um significado negativo por inerência. Outras podem ser acrescidas de prefixos negativos. Há, ainda, palavras que podem expressar uma negação quando fazem uma oposição como em *grande/pequeno* - são os pares antônimos. Há regras que impedem a prefixação negativa por isso recorre-se à composição para formar palavras como *não-viciado* e *não-habitado*.

O segundo capítulo dedicou-se à estrutura sintática de sentenças negativas, os operadores negativos, a dupla negação e, especialmente, sobre a diferença entre uma negação de constituinte e uma negação de sentença.

Analisando a negação como um recurso polifônico exigido pela pragmática verificamos, no terceiro capítulo, como o autor evita de comprometer-se com o que é dito, como através da negação, evita ser repetitivo e desagradável e como alguns recursos morfológico-lexicais e sintáticos da negação podem ser empregados para esse fim.

Além dos recursos gramaticais analisados no primeiro e segundo capítulos verificamos que há palavras culturalmente consideradas negativas. São geralmente substantivos e seus adjetivos correspondentes que não possuem um par antônimo: *travesti, estelionato, inflação, ciúme...* Também os verbos: *sofrer, manchar, afogar, sufocar, matar...* são considerados culturalmente negativos porque o contexto sócio-cultural impõe certos valores aceitos por consenso.

É muito desagradável falar com alguém que *não concorda, não gosta, não aceita, não pode, não...* Esse operador negativo afasta as pessoas; implica sempre numa oposição, pois só é possível negar se há uma afirmação real ou suposta para contestar.

Através de textos e exemplos verificamos que por imposição semântico-pragmática a estrutura negativa, que por excelência deveria conter o operador *não* antecedendo o verbo, é menos freqüente do que se pode supor. Sua ausência nem é percebida graças a outros recursos que sugerem a negação.

Ao invés de empregar repetidamente o operador negativo, que tornaria o texto desagradável e cansativo, utiliza-se outros recursos gramaticais: prefixação negativa, verbos de negação inerente, palavras culturalmente negativas, antônimos, vocábulos ou expressões que sugerem oposição e contrariedade. Todos esses recursos podem ser chamados de fenômenos discursivos empregados através da polifonia. Encaixando-se a fala do outro no discurso, imputando-lhe a responsabilidade do que é dito, torna-se viável a negação como uma forma de crítica e discordância sem uma posição contrária unipessoal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALI, M. Said. Gramática Secundária da Língua Portuguesa.
6. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1965.
- BASÍLIO, Margarida. Estruturas Lexicais do Português: uma abordagem gerativa. Petrópolis, Vozes, 1980.
- _____. Teoria Lexical. 2. ed. São Paulo, Ática, 1989.
- _____. O Fator Semântico na Derivação Parassintética: A Formação de Adjetivos. D.E.L.T.A., 8 (1): 71-89, 1992.
- BOYSSON-BARDIES, Bénédicte de. Langue Française - La Négation. Paris, École de Hautes Études en Sciences Sociales, 1978. nº 62.
- BENVENISTE, Émile. Problemas de Linguística Geral I. Campinas, Pontes, 1988.
- BISOL, Leda. Predicados Complexos em Português. Porto Alegre, URGs, 1975.
- BLOOM-BOILEAU, L. Language Development: form and function in emerging grammars. Cambridge-Mass., 1970.
- BODMER, Frederick. O Homem e as Línguas. São Paulo, Globo.
- BRENNER, Teresinha de Moraes. Dupla Negação. Porto Alegre, URGs, 1981.
- CARONE, Flávia de Barros. Morfossintaxe. São Paulo, Ática, 1986.

- CARVALHO, José Herculano de. Teoria da Linguagem. Coimbra, Atlântida, 1974.
- CASTRO, Maria Fausta Pereira de. Entre aquele(a) que diz sim e aquele que diz não: Questões sobre a negação na construção da linguagem. D.E.L.T.A., 8 nº especial, mar. 1993.
- CUNHA, Celso. Gramática do Português Contemporâneo. Belo Horizonte, Bernardo Álvares, 1970.
- DUCROT, Oswald. Provar e Dizer. Campinas, Pontes, 1987. p. 161-216.
- FERNANDES, Eulália. Aspectos da Negação em Português. Rio de Janeiro, PUC, 1990.
- GARCIA, Othon M. Comunicação em Prosa Moderna. Rio de Janeiro, FGV, 1977.
- GUIMARÃES, Eduardo. Texto e Argumentação: Um Estudo de Conjunções do Português. Campinas, Pontes, 1987.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 2ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- ILARI, Rodolfo e outros. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de, org. Gramática do Português Falado. São Paulo, Fapesp, 1990. v.1, p.63-141.
- KLIMA, Edward S. Negation in English. In: FODOR, Jerry A. & Katz, Jerrold, eds. The Structure of Language; readings in the philosophy of language. 1964.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. Argumentação e Linguagem. São Paulo, Cortez, 1987.

- LIMA, Rocha. Gramática Normativa da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, F. Briguiet & Cia., Editores, 1960.
- LONGO, Leila Souto de Castro. Alguns Aspectos da Negação Morfológica do Português. Rio de Janeiro, PUC, 1980.
- MAINGUENEAU, Dominique. Novas Tendências em Análise do Discurso. Campinas, UNICAMP, 1989.
- MATEUS, Maria Helena Mira. Gramática da Língua Portuguesa. Coimbra, Almedina, 1985.
- MELO, Gladstone Chaves de. Gramática Fundamental da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1970.
- OLIVEIRA, Gilvan Müller de. Os advérbios sentenciais e os testes sintáticos. Letras. Santa Maria, UFSM, [5]: 101-120, jan/jun 1993.
- SAID ALI, M. Gramática Histórica da Língua Portuguesa. São Paulo, Melhoramentos, 1965.
- SANDMANN, Antônio José de. Competência Lexical. Curitiba, UFPR, 1991.
- SILVA, Maria Cecília P. De Souza & KOCH, Ingedore Villaça. Linguística Aplicada ao Português: Sintaxe. 3.ed. São Paulo, Cortez, 1989.